



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO



Prof-Artes

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

SÔNIA MARIA FERREIRA

**ESPAÇOS BRINCANTES:
UM OLHAR REFLEXIVO PARA OS ESPAÇOS UTILIZADOS PARA
BRINCADEIRAS NA CONTEMPORANEIDADE**

UBERLÂNDIA

2018

SÔNIA MARIA FERREIRA

**ESPAÇOS BRINCANTES:
UM OLHAR REFLEXIVO PARA OS ESPAÇOS UTILIZADOS PARA
BRINCADEIRAS NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Linha de Pesquisa: Abordagens Teórico-metodológicas das Práticas Docentes.

Orientadora: Roberta Maira de Melo

UBERLÂNDIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F383e
2018 Ferreira, Sônia Maria, 1968-
 Espaços brincantes [recurso eletrônico] : um olhar reflexivo para os
 espaços utilizados para brincadeiras na contemporaneidade / Sônia Maria
 Ferreira. - 2018.

 Orientadora: Roberta Maira de Melo.
 Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1425>
 Inclui bibliografia.
 Inclui ilustrações.

 1. Arte. 2. Prática de ensino. 3. Brincadeiras. 4. Espaço (Arte). 5.
Aprendizagem. 6. Arte e educação. 7. Ensino reflexivo. I. Melo, Roberta
Maira de (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de
Pós-graduação em Artes (PROFARTES). III. Título.

CDU: 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

Prof. Artes



**Espaços Brincantes: um olhar reflexivo para os espaços utilizados
para brincadeiras na contemporaneidade.**

Trabalho de conclusão defendido em 09 de agosto de 2018.

Profª. Dra. Roberta Maíra Melo – Orientadora/Presidente

Profª. Dra. Elsiêni Coelho da Silva - UFU

Prof. Doutorando Hélio Aparecido de Lima Silva – IFTM

AGRADECIMENTOS

A Deus pela constante presença em minha vida.

À minha família pelo apoio, suporte e compreensão.

À minha orientadora Roberta, pelos sábios conselhos e encaminhamentos.

Aos professores do Prof-Artes, em especial à professora Elsieni Coelho da Silva e ao professor Narciso Telles, que com muita generosidade ajudaram na ampliação do meu olhar. Como também às coordenadoras do programa, Mara Lúcia Leal e Dirce Helena Benevides Carvalho, pelo empenho e dedicação.

Meus sinceros agradecimentos e admiração aos professores Hélio de Lima e João Agreli, que tanto contribuíram com seus saberes na qualificação.

Ao grupo de professores da Formação Contínua do CEMEPE – Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais - Julieta Diniz, cuja participação é imprescindível na minha construção como professora.

Aos integrantes do Núcleo de Pesquisa e Estudo no Ensino de Arte (NUPEA), que me possibilitaram aprofundar o conhecimento e fortalecer o desejo de continuar estudando.

Ao Polo UFU Arte na Escola, nas pessoas de Eliane Tinoco e Léa Zumpano, que não mediram esforços para incentivar minha participação no Prof-Artes.

À equipe gestora da Escola Municipal Professor Sérgio de Oliveira Marquez, que acolheu e apoiou a realização da pesquisa.

À professora Luziana, cuja parceria proporcionou novos meios de realizarmos a pesquisa no Laboratório de Informática.

Aos alunos da turma do 5º C / 2016 sinto mais do que gratidão, pois estarão sempre no meu coração por fazerem parte desse importante momento da minha história. Serão lembrados pela colaboração, generosidade, paciência e disponibilidade que tiveram. Que Deus os ilumine sempre!

Aos meus colegas de mestrado, agradeço sempre a Deus por colocar em minha vida pessoas tão especiais. Tanto companheirismo, cuidado, carinho, amizade e colaboração, que eu nem em sonho poderia almejar. Não conseguiria chegar até

aqui se não fosse pelas conversas que tivemos ao longo desses dois anos e meio de estudos, trocando conhecimento, informações, dificuldades e ansiedades. Mas principalmente, trocávamos nossa fé e esperança de que concluiríamos este curso da melhor maneira possível, com a certeza de que esse percurso foi incrivelmente rico, pela presença de cada um de nós.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar e refletir sobre os espaços contemporâneos para brincadeiras. O público-alvo foram os alunos do 5º C / 2016, da Escola Municipal Professor Sérgio de Oliveira Marquez, da cidade de Uberlândia (MG). Diante do material levantado, foi percebida a redução dos espaços para brincadeiras ocorridas nas últimas décadas devido às mudanças sociais, entre as quais podemos citar o aumento populacional e o fluxo de veículos, cada vez mais intenso, nas cidades. Além disso, como proposta prática foi feita uma intervenção no pátio da escola por meio de pinturas de brincadeiras no chão e no muro, ampliando as possibilidades de utilização do mesmo. O tema escolhido foi devido à percepção dessas mudanças no dia a dia dos alunos, como também por propiciar uma aproximação da arte com a vida, pois a temática chama a atenção dos discentes naturalmente, por fazer parte de sua vivência cotidiana. Trata-se de uma reflexão sobre a importância da brincadeira e do lúdico, não só na infância e no processo ensino-aprendizagem em Arte, mas em todos os momentos da vida do ser humano, começando pela necessidade de pensarmos melhor sobre os espaços disponibilizados para esse fim no meio educacional.

Palavras-chave: Ensino de arte. Espaços brincantes. Brincadeiras. Aprendizagem.

ABSTRACT

The purpose of this research was to identify and to reflect on the contemporary spaces for games. The target audience was the students of 5th Grade / 2016, of the Municipal School Professor Sérgio de Oliveira Marquez, of the city of Uberlândia, state of Minas Gerais, Brazil. Faced with the material raised, it was noticed the reduction of space for games that occurred in the last decades due to the social changes, among which we can mention the population increase and the flow of vehicles, more and more intense, in the cities. In addition, as a practical proposal was made an intervention in the schoolyard by means of paintings on the floor and the wall, increasing the possibilities of using this space. The theme chosen was due to the perception of these changes in the students' daily lives, as well as to enable an approach between art and life, since the subject draws the attention of the students naturally, because it is part of their everyday life. It is a reflection on the importance of playing, not only in childhood and in the teaching-learning process in Art, but in all moments of human life, beginning with the need to think better about the spaces available for education.

Keywords: Art teaching. Playgrounds. Games. Learning.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Espaços para brincadeiras, comparativo das últimas décadas	19
Gráfico 02 - Espaços para brincadeiras na escola	62
Gráfico 03 - Momentos de brincadeiras na escola	62
Gráfico 04 - Brincadeira mais citadas pelos alunos	88
Gráfico 05 - Espaços para brincar	88
Gráfico 06 - Brincadeiras na escola	89
Gráfico 07 - Espaços para brincadeiras citados nas entrevistas: 109 pessoas	90

LISTA DE IMAGENS

Imagens 01 e 02 – Intervenção na escola. Pintura das brincadeiras no pátio	27
Imagem 03 – Intervenção na escola. Pintura do painel do muro	27
Imagem 04 – Intervenção na escola. Pintura das brincadeiras no pátio	28
Imagem 05 e 06 – Desenhos com brinquedos	42
Imagens 07 e 08 – Jogo de trilha	43
Imagens 09 e 10 – Dominó das cores	43
Imagens 11 e 12 – Projeto Jogos e Arte: Jogo da memória	44
Imagens 13, 14 e 15 – Projeto Jogos e Arte: Quebra-cabeças	45
Imagem 16 – Bruegel, Pieter. Jogos Infantis, 1560. Pintura. 118 x 161 cm, Kunsthistorisches Museum, Viena	48
Imagem 17 – MacAdam, Toshiko Horiuchi. Instalação. 2009. Hakone Open Air Museum , Hakone, Japão	53
Imagem 18 – Espaço para brincadeiras no Center Shopping. Uberlândia. Julho/2016	54
Imagem 19 – Cruz, Ivan. Soltar pipa, 2005. Acrílico sobre tela. 1 x 1 m	57
Imagem 20 – Localização do Classroom	58
Imagem 21 – Aula sobre Dim Brinquedim	59
Imagem 22 - Brinquedim, Dim. Cobra de duas cabeças. 2001. Acrílica sobre tela. 0,46m x 1,64m	60
Imagem 23 - Brinquedim, Dim. Dançando no muro. 2008. Tinta automotiva sobre fibra de vidro. 1,30 x 1,70 x 0,16m	60
Imagem 24 - Brinquedim, Dim. Joaninha. 2007. Tinta automotiva sobre fibra de vidro. 0,40 x 0,35 x 0,50m	60
Imagem 25 – Entrada do Mundo da Criança, Parque do Sabiá, Uberlândia	61
Imagem 26 – Guedes, Júlia. Mundo da Criança, Parque do Sabiá, Uberlândia	61
Imagem 27 – Pátio da escola antes da intervenção	63
Imagem 28 – Detalhes da pintura das brincadeiras no chão do pátio	64

Imagem 29 – Detalhes da pintura da brincadeira Terra, Nuvem, Sol	65
Imagem 30 – Espaço da brincadeira Dentro / Fora	66
Imagem 31 – Pannel de brincadeiras no muro	67
Imagem 32 – Desenho do HY – 10 anos, com detalhes da pintura do painel do muro	68
Imagem 33 – 1º desenho da AC – 10 anos, com detalhe da pintura do painel do muro	69
Imagem 34 e 35 – Menina lendo e Menina com urso	69
Imagem 36 – Detalhe da pintura do painel do muro	70
Imagem 37 – Desenho do LR – 11 anos, com detalhes da pintura do painel do muro	70
Imagem 38 – Desenho do RY – 11 anos, com detalhe da pintura do painel do muro	71
Imagem 39 – 13ª Mostra Visualidades: Pannel com os trabalhos na entrada da escola	73
Imagens 40 e 41 – IX Circuito Visualidades	74
Imagens 42 e 43 – Visita ao Mundo da Criança, Parque do Sabiá	74
Imagem 44 – Recreio antes da intervenção	76
Imagem 45 – Recreio antes do término da intervenção	77
Imagem 46 – Material para pesquisa com a família	90
Imagens 47 e 48 – Experimentações da técnica do <i>stencil</i>	92
Imagens 49 e 50 – Brincadeiras: Terra, Nuvem, Sol; e Amarelinha 2	93
Imagens 51 e 52 – Brincadeiras: Amarelinha 1; e Dentro / Fora	93
Imagem 53 – Intervenção na escola. Pintura do painel do muro	94
Imagem 54 – Intervenção na escola. Pintura do painel do muro	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 Brincadeira: espontaneidade, prazer e aprendizagem	17
1.1 Percepção da necessidade do brincar	17
1.2 Espaços brincantes	18
1.3 Brincadeira e aprendizagem	21
1.4 O brincar na Arte	25
CAPÍTULO 2 Memórias e reflexos da formação na atuação docente	31
2.1 Memórias	31
2.2 Reflexos da escola tradicional	33
2.3 Transformações	35
CAPÍTULO 3 Imagens norteadoras e espaços brincantes	47
3.1 Imagens norteadoras	47
3.2 Intervenção no pátio	63
3.3 Visualidades – apresentando o resultado do projeto	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
Entrevistas	86
Apêndice I – Relatório das aulas	87
Apêndice II – Poema: Brincar de Brincadeira	96
Apêndice III – Produção de Texto I	97
Apêndice IV – Produção de Texto II	100
Apêndice V – Leitura de imagem feita pelos alunos	103
Apêndice VI – Poema: Abertura triolé	106
Apêndice VII – Avaliação dos alunos	107
Apêndice VIII – Pesquisa dos artistas	113

INTRODUÇÃO

O tema que instigou esta pesquisa surgiu da minha experiência em sala de aula ao conversar com meus alunos sobre o que eles brincavam. Percebi que o espaço nas ruas já não era usado mais como antigamente, e até ouvi de um deles que não brincava, só ficava o dia todo vendo televisão. Isso me fez lembrar vários momentos de brincadeiras de quando eu era criança, em que nos reuníamos para brincar na rua e no quintal das nossas casas, que também tinha muito espaço livre. Acredito que essas experiências foram para mim singulares, porque consigo me lembrar nitidamente e com grande satisfação. Segundo Dewey (2010), experiências singulares são aquelas vivenciadas atentamente até o fim, dessas nos recordamos sempre porque nos marcou de fato.

Desse modo, o foco de interesse deste trabalho se deve ao fato de rememorar espaços de brincadeira que fizeram parte da infância nas décadas de 1970 e 1980 e, atualmente, não conseguir identificá-los na vida cotidiana da maioria dos alunos. A pesquisa em questão foi desenvolvida na Escola Municipal Professor Sérgio de Oliveira Marquez, na cidade de Uberlândia, com alunos do 5º ano C do ensino fundamental I. Em vista disso, aborda uma temática relevante para o ensino de arte, considerando a faixa etária para o projeto, pois evidencia o lúdico no processo de ensino-aprendizagem. Por tratar de um aspecto da nossa cultura e do desenvolvimento humano, aproxima-se da realidade das crianças, que se interessam naturalmente por esse universo e sentem-se motivadas a participar das atividades e do fazer artístico.

A pesquisa para este curso de mestrado foi desenvolvida coletivamente, com o apoio e envolvimento dos alunos, seus familiares e a comunidade escolar, sendo que sua metodologia trata-se de uma pesquisa etnográfica e narrativa, com abordagem qualitativa, utilizando o método fenomenológico para análise dos dados.

Ao optar pelo método fenomenológico busco atender ao objetivo que visa entender a organização do espaço para brincadeiras de um grupo de alunos, visto que a fenomenologia ressalta as características do que é relativo ao

sujeito, o que é próprio do comportamento humano. Portanto, para compreender quais os sentidos que o sujeito dá ao seu cotidiano faz-se necessário entrar no “universo conceitual” do mesmo, na medida em que “o mundo do sujeito, as suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas são, portanto, os núcleos de atenção da fenomenologia” (ANDRÉ, 1995, p.18).

Na técnica de coleta de dados foi utilizada, principalmente, a observação participante, a entrevista e a análise de dados, indo ao encontro da pesquisa etnográfica, que tem como uma de suas características “a preocupação com o significado, com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca” (ANDRÉ, 1995, p. 29)

Diante disso, foi feita a pesquisa de campo pela pesquisadora e pelos alunos, que fizeram uma entrevista com os familiares, produções plásticas e de textos. Sendo assim, entendo que este estudo se articula com a linha de pesquisa escolhida: “Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes”.

A proposta de convidar os alunos para fazerem parte desta pesquisa teve o intuito de envolvê-los no processo do ensino-aprendizagem, incentivando-os a serem “um parceiro de trabalho, ativo, participativo, produtivo, reconstrutivo, para que possa fazer e fazer-se oportunidade” (DEMO, 1998, p. 15). Dessa forma, instigá-los a valorizar a pesquisa e sua participação ativa na sala de aula.

Como citado acima, um dos obstáculos que percebo no cotidiano das crianças é com relação aos espaços contemporâneos para brincadeiras, que segundo Volpato (2002, p. 75-80), houve um processo de mudanças da sociedade capitalista com relação ao tempo destinado para o “trabalho e o tempo de não-trabalho”, e também houve uma redução dos espaços devido ao crescimento populacional, aumento do fluxo de veículos, etc., “essas mudanças podem ter implicações relevantes na vida da criança, no sentido de ampliar ou reduzir o nível de oportunidades na prática de jogos e brincadeiras”. Como será que os alunos envolvidos no projeto lidam com essa situação? Como a família colabora para a melhoria da qualidade dos momentos de brincadeiras dessas crianças? Quais os lugares/comuns para brincadeiras na escola e nos bairros onde os alunos moram? Como e quando costumam utilizá-los?

Na tentativa de refletir sobre essas questões, a presente pesquisa teve como objetivo geral questionar e entender como as crianças organizam seus espaços para as brincadeiras, fazendo uma reflexão sobre a sua utilização na contemporaneidade, especialmente nas últimas décadas. Nesse contexto, os objetivos específicos são: apreender os modos como as crianças se apropriam dos espaços disponíveis em seu ambiente para o exercício do brincar; proporcionar um diálogo e troca de experiências entre as famílias dos alunos, visando levantar e refletir as mudanças nos espaços utilizados para brincadeiras; bem como fazer apreciações de imagens de alguns artistas que trabalham sobre o tema na História da Arte, conhecendo suas propostas e interligando-as com a realidade vivenciada pelos alunos.

Ao olhar reflexivamente para o cotidiano dos meus alunos, busco perceber quando e se essa experiência comum da brincadeira pode se tornar uma experiência singular dentro das aulas de arte, levando a uma percepção estética. Percebe-se que o grande desafio da educação é tornar singulares as experiências que proporcionamos aos alunos em sala de aula, e no caso da arte, experiências estéticas, das quais, além de facilitar o aprendizado, eles irão se lembrar de uma forma prazerosa e gratificante. Esse também é o pensamento de Jorge Larrosa Bondia (2002) que instiga o professor a pensar suas aulas por meio de experiências que façam sentido para os discentes, não só passar informações. Segundo esse teórico, para se ter uma experiência significativa precisamos de tempo para vivenciá-la e de estarmos mais receptivos e atentos, e não rígidos e firmes em opiniões já formadas.

Severino (2009) também ressalta a importância do aluno vivenciar as experiências na construção do aprendizado. Para ele,

o ensino não produz automaticamente a aprendizagem, pois a experiência do aprender é autônoma do aprendiz. O que o ensino pode fazer é contribuir para que essa experiência do aluno ocorra, que ele a vivencie (p. 125).

Durante minha prática em sala de aula, percebi que ao trabalhar com jogos e brincadeiras, os alunos demonstravam mais interesse e ficavam mais

atentos e receptivos ao que estava acontecendo em sala, pois se tratava de algo presente em seu cotidiano, fazia sentido para eles.

Quando proponho, neste estudo, trabalhar com a brincadeira e a pesquisa dos alunos com suas famílias, o objetivo é escutá-los e envolvê-los no processo de ensino-aprendizagem. Primeiramente, porque o assunto faz parte da realidade deles, aguçando seu interesse e curiosidade pelo processo do trabalho, pois concordo com Paulo Freire (1996, p.137), em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, quando ressalta que “preciso [...] saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho minha atividade pedagógica”.

Com o intuito de aprofundar na discussão sobre os espaços para brincadeira, apresento no capítulo I: “Brincadeiras espontaneidade, prazer e aprendizagem”, os autores Neto (1997); Dewey (2010); Brougère (1997; 2008); Moyles (2002; 2006); Marques (2015); Kishimoto (2008); Ferraz e Fuzari (1993); Silva (2007); Prentice (2006); Moura (2006); Ostrower (1995); Vigotski (2009); e o documentário *Tarja branca: a revolução que faltava* (2014). Esses autores me permitiram fazer uma reflexão acerca da importância do lúdico, não só para a infância e para a escola, mas também para a vida toda do ser humano.

No capítulo II, “Memórias e reflexos da formação na atuação docente”, empreendo algumas considerações sobre as marcas e influências deixadas por uma formação na escola tradicional que influencia o meu trabalho como docente, tanto nas escolhas que faço, como nas temáticas exploradas em sala de aula e que me levaram a escolher as brincadeiras na tentativa de romper com essas influências. Faço também uma reflexão sobre o tema, buscando ideias de alguns autores, dentre eles destaco: Karnal (2016); Freire (1996); Barbosa (2012); Bondia (2002); Dewey (1976; 1978); Moreira (1984); Rizzi (2002) Parsons (1992) e Housen (2000; Apud ROSSI,2001).

A discussão dos resultados está no capítulo III, denominado “Imagens norteadoras e espaços brincantes”, em que abordo os pontos mais relevantes do desenvolvimento do estudo, começando pelas apreciações das imagens feitas em vários momentos da pesquisa, como também apresento as participações e a importância da Mostra Visualidades e do Circuito Visualidades na história do

ensino de arte de Uberlândia. Para o embasamento teórico foram utilizados, como suportes para a apreciação das imagens, além dos autores já citados, as pesquisas de Parsons (1992); Housen (2000; Apud ROOSI, 2001); e Pillar (2002).

CAPÍTULO 1

Brincadeira: espontaneidade, prazer e aprendizagem

Brincar é bom de viver e olhar: é contemplativo tanto para criança que brinca como para o adulto que a observa. (MACHADO, 1998, p. 35)

1.1 Percepção da necessidade do brincar

Foi esse olhar contemplativo que me levou à reflexão sobre a prática da brincadeira, tão presente e necessária na infância. Em vários momentos em que buscava a atenção dos meus alunos com outros recursos, observava que eles brincavam com seus materiais escolares, com o próprio corpo, com sua imaginação. Portanto, após perceber que seria mais coerente ministrar as aulas a partir da experiência deles, escolhi e trabalhei, em diferentes momentos durante a minha prática como professora de arte, com as brincadeiras e jogos por entender que essa é uma necessidade das crianças. Buscando nesse contexto uma aproximação da arte com a vida (DEWEY, 2010, p. 72), transformando aquilo que queria ensinar em algo importante e interessante para o aluno (BONDIA, 2002, p. 20).

Desse modo, neste capítulo realizo algumas reflexões trazendo autores que defendem a importância da brincadeira, do brinquedo e do jogo¹ para a infância, bem como a utilização destes como recurso pedagógico. Para melhor compreensão da temática, abordo algumas questões como: até que ponto o professor pode explorar esse recurso? Quais os cuidados que devemos ter ao levar as brincadeiras e jogos para o ambiente escolar? Alguns autores, dentre

1 Sobre brincadeira e brinquedo falarei mais no decorrer do capítulo. Já sobre o jogo, Huizinga (1980, p. 16) diz que “poderíamos considerá-lo uma atitude livre, conscientemente tomada como ‘não-séria’ e exterior à vida habitual, mais ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras.”

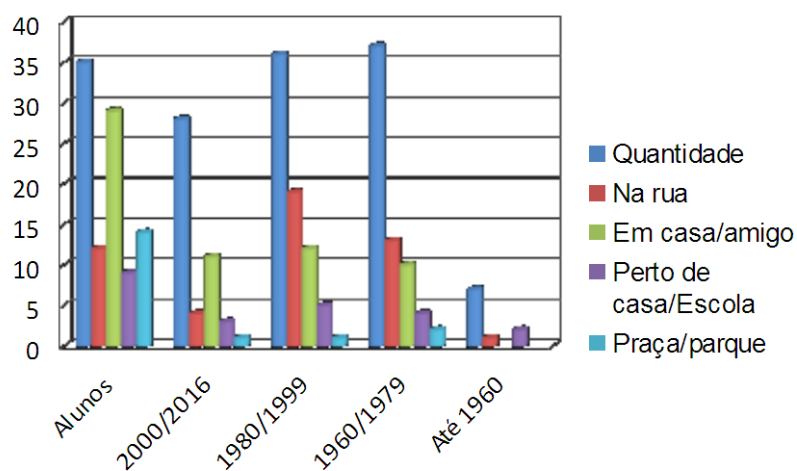
eles Neto (1997) e Moyles (2002; 2006) ressaltam e valorizam a espontaneidade e a liberdade do brincar como forma da criança explorar o seu ambiente, fazer contato com o outro para aprender a socializar-se e também solucionar seus problemas. Se a brincadeira tem que ser livre, como podemos fazer uso dela como mediadora da aprendizagem escolar? Para entender esses questionamentos, disponibilizo na sequência algumas questões pertinentes, começando pela questão norteadora da pesquisa: os espaços contemporâneos para brincadeira.

1.2 Espaços brincantes

Uma das questões que instigou esta pesquisa foi a reflexão sobre os espaços destinados para brincadeiras na contemporaneidade. Pude constatar esse fato, a princípio, por meio do diálogo com meus alunos, os quais relatavam suas brincadeiras, e também durante a pesquisa feita a partir do levantamento de dados presentes na produção de texto I² e nas entrevistas feitas por eles com seus familiares. Esses dados foram colocados no gráfico abaixo (Gráfico 01), em que podemos observar que nas décadas anteriores ao ano 2.000, a maior parte dos entrevistados tinham condições de brincar na rua. Já nos anos posteriores, a opção da maioria é por permanecer em casa ou em casa de amigos.

2 A produção de texto I encontra-se no Apêndice III, p. 97

Gráfico 01 – Espaços para brincadeiras, comparativo das últimas décadas



Fonte: Produção de Texto I e Pesquisa com as famílias, elaborado pela autora

Segundo alguns autores (VOLPATO, 2002; NETO, 1997), essa mudança de comportamento da sociedade nas últimas décadas é devido à redução de tempo e espaços para brincadeiras, causados pelo crescimento populacional, aumento do fluxo de veículo, avanço tecnológico, etc. Carlos Neto (1997) cita sua preocupação em relação a essas mudanças sociais das últimas décadas na vida familiar, ou seja, as crianças não podem mais ocupar o espaço nas ruas como acontecia nas décadas passadas. Com isso,

O tempo espontâneo, da imprevisibilidade, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, deu lugar ao tempo organizado [...] tendo como consequência a diminuição do nível de autonomia das crianças, com implicações na esfera do desenvolvimento motor e social (NETO, 1997, p. 01-02).

Sobre ocupar o espaço da rua, Neto (1997, p. 02) menciona que “a rua não é só um espaço onde circulam carros e gente apressada, mas sim um espaço de encontro, descoberta e até desordem. Tudo isso é importante para crescer”. A esses lugares Dewey (2010, p. 76) denomina de “lugares-comuns biológicos”, que são espaços de convivência, de sobrevivência, de vida em comum. Nesses lugares é que acontecem as experiências estéticas, onde o ser

humano se organiza por meio da adaptação ao ambiente que nem sempre é acolhedor, sendo muitas vezes hostil. Dewey (2010) acredita que, com essas “discórdias” e/ou obstáculos encontrados a pessoa é levada a reflexão em busca de uma solução, levando a prováveis mudanças.

Para iniciar a discussão sobre os espaços para brincadeiras com meus alunos, fiz a proposta para que refletissem e escrevessem sobre os espaços e as brincadeiras possíveis em casa e na escola, ficando na expectativa de obter muitas reclamações de que a escola não tem espaço físico adequado e nem disponibilidades para brincadeiras. No entanto, para minha surpresa, a maioria relatou sua alegria e satisfação em ocupar com suas brincadeiras os espaços existentes na escola, sem se preocupar se eram apropriados ou não, como se estes substituíssem os espaços que deveriam ter em casa ou na rua.

Foi nesse momento que escolhi o título do meu trabalho, denominado “espaços brincantes”, por entender que as crianças brincam por uma necessidade que foi antes apreendida em seu meio, e não só quando são estimuladas a brincar, visto que “a brincadeira é, entre outras coisas, um meio de a criança viver a cultura que a cerca, tal como ela é verdadeiramente, e não como ela deveria ser” (BROUGÈRE, 1997, p. 59).

Outro fato que me chamou a atenção durante a realização deste trabalho foi quando fizemos atividades em grupos durante a intervenção do pátio da escola, quando percebi alguns comportamentos diferentes dos alunos. Naquele momento a turma havia sido dividida em 4 grupos, sendo que em dois deles observei maiores dificuldades de aceitar e lidar com a opinião do outro. No grupo 4, a situação foi encarada com mais leveza, pois falaram sobre a insatisfação que tiveram, mas levando para o lado da brincadeira: “tem gente, professora, que não sabe ouvir o que os colegas falam, só faz o que quer” (GIO – 10 anos). Já no grupo 2, a discussão foi mais pesada e intransigente, levando à exclusão de uma colega do grupo. Esse grupo precisou de mais tempo para pensar e entender o que estava acontecendo, a colega reconheceu sua intransigência e pediu desculpas a todos em sala de aula, o que levou os outros componentes do grupo a entenderem a situação. Achei interessante o ocorrido, pois se

tivéssemos ficado o tempo todo na sala de aula, talvez não teria percebido essas características dos alunos, e eles não teriam vivenciado e aprendido a lidar com essas situações.

Assim, foi proporcionado aos alunos um espaço onde tiveram mais liberdade e puderam se movimentar e colaborar uns com os outros para desenvolver o trabalho proposto, acontecendo também discórdias, acordos, brincadeiras, discussões, alegrias. Enfim, interações com o outro que nos levaram a reflexão e, conseqüentemente, ao aprendizado.

Além de promover a interação social, a brincadeira também pode ser utilizada pelo professor como instrumento mediador da aprendizagem. Vejamos as considerações de alguns autores sobre o assunto.

1.3 Brincadeira e aprendizagem

No livro "Brinquedo e Cultura", Gilles Brougère (1997, p. 08) relata que “o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definirmos a cultura como o conjunto de significações produzidas pelo homem”. Para o autor, a brincadeira é aprendida, não é nata, é ensinada pelos adultos, por quem cuida da criança. São momentos de relações interpessoais e de socialização da criança que segundo Brougère (1997, p. 47), o fato de brincar e o próprio brinquedo levam a criança a conhecer sua cultura, visto que ele é um objeto social e traz junto informações de sua cultura levando a criança a perceber o seu entorno, o autor denomina esse movimento de “impregnação cultural”.

Para a criança, a experiência da brincadeira não fica só na visualização do brinquedo e muito menos na recepção das informações culturais contidas nele. Ela se apropria do brinquedo, passando a manipulá-lo e, conseqüentemente, a transformá-lo, trazendo para a brincadeira atitudes e ações de seu cotidiano. Brougère (1997, p. 48-49) também diz que, nesse momento, a “aprendizagem é ativa no sentido de que [a criança] não se submete às imagens, mas aprende a manipulá-las, transformá-las, e até mesmo, praticamente, a negá-las”. Para o autor, a impregnação cultural é um “processo

dinâmico”, em que acontece “ao mesmo tempo, imersão em conteúdos preexistentes e apropriação ativa” por parte da criança.

Por meio desse processo de interação social, manipulação do brinquedo, observação das outras crianças, acontece a construção da cultura lúdica, que é a somatória dessas experiências vivenciadas pela criança. Desse modo, o mundo ao redor da criança é interpretado por ela dando uma significação própria aos objetos e brincadeiras. Portanto, segundo Brougère (2008, p. 19-32), a criança constrói sua cultura lúdica brincando, mas também é influenciada pela cultura geral, pelos relacionamentos com os outros, bem como pelo espaço físico e os brinquedos disponibilizados.

O poeta e arte-educador Francisco Marques, mais conhecido como Chico dos Bonecos (MARQUES, 2015), fala da diferença de como a brincadeira é vista nas diferentes fases da vida. Para os adultos, ela é destinada ao relaxamento, como se fosse um passatempo, já para as crianças “é uma questão de sobrevivência, o brincar e o pensar são uma coisa só”. Por isso, segundo ele, não podemos pensar o brincar na escola apenas para os momentos livres como no recreio, ou quando acabar as tarefas. Devemos trazê-lo para o nosso processo de ensino-aprendizagem, não só na educação infantil, mas também no ensino fundamental e ensino médio. A brincadeira em muitos momentos pode nos servir como motivação para o momento seguinte, no qual discutiremos os conteúdos e temas pertinentes. Portanto, a brincadeira pode ser explorada pelo professor do mesmo jeito que antes a criança a explorou.

Nesse sentido, analisando o brincar como recurso pedagógico, Moyles (2006) ressalta que o brincar é sem dúvida um “instrumento de aprendizagem”. Porém, os professores têm que reconhecer que a criança deve ser o centro dessa atividade, pois para ela o que interessa no brincar é o seu sentido exploratório, em que terá liberdade de repetir suas ações quantas vezes for necessário para chegar ao seu domínio, aumentando a confiança em si mesma, suas habilidades físicas e mentais, sem se preocupar ou se constranger de seus erros durante esse processo. A autora aponta que o brincar espontâneo é o meio pelo qual a criança vai explorar os objetos e situações que lhe são oferecidos.

Moyles (2002) sugere que devemos mesclar momento do brincar livre e do brincar dirigido. No primeiro momento vem o brincar livre, em que a criança faz um reconhecimento geral do objeto e/ou situação. Quando colocamos o brincar dirigido, ela já estará munida das primeiras impressões e isso facilitará a aquisição da aprendizagem mais avançada. Em seguida, deverá voltar ao brincar livre para que possa exercitar aquilo que aprendeu. Portanto,

o processo é na verdade cíclico [...] Como uma pedrinha atirada em um lago, as ondulações do brincar livre exploratório para o brincar dirigido e de volta para o brincar livre melhorado e enriquecido permitiram que uma espiral de aprendizagem se espalhasse para fora, em novas experiências para as crianças, e para cima, na aquisição de conhecimento e habilidades (MOYLES, 2002. p. 28).

Para o brincar livre acontecer na escola é necessário que professor adote a postura de mediador da aprendizagem, e não da rigidez de ser um transmissor do conhecimento. Dessa forma, vai aumentando sua interação com a criança e ao mesmo tempo vai observando e proporcionando recursos para o desenvolvimento das atividades. Moyles (2002) ressalta que no primeiro momento a criança tem que ter liberdade para explorar o material, somente depois é que vem a intervenção do professor dirigindo a atividade. Nesse contexto,

O brincar em situações educacionais, proporciona não só um meio real de aprendizagem como permite também que adultos perceptivos e competentes aprendam sobre a criança e suas necessidades. No contexto escolar, isso significa professores capazes de compreender onde as crianças “estão” em sua aprendizagem e desenvolvimento geral, o que, por sua vez, dá aos educadores o ponto de partida para promover novas aprendizagens nos domínios cognitivos e afetivo (MOYLES, 2002, p. 12-13).

No livro “O Brincar e suas teorias”, Kishimoto (2008, p. 139-153) traz as principais ideias de Bruner³, que também ressalta a necessidade do lúdico na educação como forma de proporcionar experimentações e comportamentos livres da preocupação de errar. Para Bruner, a brincadeira contribui no processo ensino aprendizagem porque com ela a “criança aprende a solucionar problemas” (KISHIMOTO, 2008, 144). Porém, ressalta que para que o aprendizado de fato aconteça, é muito importante intercalar o brincar livre com o brincar mediado pelo adulto, visto que, segundo as ideias de Bruner,

[...] a brincadeira livre contribui para libertar a criança de qualquer pressão. Entretanto, é a orientação, a mediação com adulto, que dará forma aos conteúdos intuitivos, transformando-os em ideias lógico-científicas, característica dos processos educativos [...] A brincadeira livre deve ser contemplada com outras atividades não lúdicas, destinadas a materializar as intenções e os projetos das crianças. (KISHIMOTO, 2008, 148)

Portanto, o professor como mediador da aprendizagem deve estar atento ao que acontece em suas aulas, quais as atitudes dos alunos estão presentes no momento da brincadeira livre para então saber orientar e encaminhar os mesmos para o brincar dirigido, promovendo assim, meios para que se concretize o aprendizado. Vejamos agora algumas considerações sobre o lúdico e o processo criativo na arte.

3 Jerome Seymour Bruner (1915-2016), natural de New York – EUA. Bacharel em Psicologia (1937) pela Universidade de Duke e doutor em psicologia pela Universidade de Harvard (1941). Foi um dos líderes da Revolução Cognitiva (1950) e dentre suas várias contribuições para a psicologia está suas “pesquisas sobre o jogo” que “sistemizam-se com a investigação de competências na infância e como as espécies adquirem condutas mais complexas com o uso do jogo” (KISHIMOTO, 2008, p. 140)

1.4 O brincar na Arte

Conscientes da importância do brincar para a vida e a aprendizagem, as autoras Ferraz e Fuzari (1993, p.85), dizem que a brincadeira é “um meio pelo qual a criança vai organizando suas experiências, descobrindo e recriando seus sentimentos e pensamentos a respeito do mundo, das coisas e das pessoas com as quais convive”. Nesse sentido, concordo com as autoras quando defendem a interligação dos jogos e brincadeiras nas aulas de Arte:

as atividades lúdicas são também indispensáveis à criança para apreensão dos conhecimentos artísticos e estéticos, pois possibilitam o exercício e o desenvolvimento da percepção, da imaginação, das fantasias e de sentimentos. O brincar nas aulas de arte pode ser uma maneira prazerosa de a criança experimentar novas situações e ajudá-la a compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético. (FERRAZ e FUZARI, 1993, p. 84)

Para o artista e professor Hélio Aparecido de Lima Silva⁴ (SILVA, 2007), o lúdico nas artes visuais pode ser percebido não só no objeto produzido, mas principalmente na idealização e realização do mesmo. O processo de criação é permeado de ludicidade, no qual o artista brinca com sua imaginação, com a manipulação do material até a concepção da obra em si. Essa só se completa com a presença do espectador, que dá continuidade a esse movimento lúdico.

A obra de arte, torna-se viva com a presença do espectador. E com ela age participando de sua lógica, suas formas e ideias. A visualidade é sua característica fundamental, fio condutor do jogo, do brincar, combinando sensações, imagens e leituras. Neste jogo proposto pela obra, o que interessa é a possibilidade de significações, que esta matéria, plástica, visiva, sensorial propõem. (SILVA, 2007, p. 28)

A proximidade da brincadeira com a arte é defendida também por Chico dos Bonecos (MARQUES, 2015), quando menciona que a arte e a brincadeira

4 Nome artístico Hélio de Lima.

teriam até um parentesco, porque percebe que todas as linguagens da arte estão presentes no brinquedo: forma, cor, sons, movimento do corpo. Porém, o aspecto que mostra mais a familiaridade da arte com a brincadeira é a relação do artista com o material e da criança com a brincadeira ou com o brinquedo. A princípio, essa relação lúdica é sempre de investigação, de experimentação e com isso, tanto o artista como a criança irão percebendo o material, sua força e possibilidades.

Diante disso, acredito que as aulas de arte também podem proporcionar esses momentos lúdicos, do brincar com as ideias, a manipulação dos materiais, até o momento da construção e produção final. Durante esse processo, é importante fortalecer esse diálogo entre a arte, o brincar e a vida, visto que “por meio do brincar e da arte as crianças têm ricas oportunidades de interrogar o mundo de maneiras variadas” (PRENTICE, 2006, p. 159).

Foi pensando em ampliar o olhar dos meus alunos para o seu entorno que propus, no presente estudo, a reflexão e discussão sobre seus espaços para brincadeiras, fazendo um paralelo entre o presente e as últimas décadas. Como construção plástica, foi proposto uma intervenção no pátio da escola, com o objetivo de inserir mais cores e possibilidades para um dos lugares mais citados por eles como espaço brincante na escola. Desde o momento em que estávamos planejando o trabalho no pátio, percebi a satisfação de estarem realizando o projeto. Fica claro esse sentimento de prazer e do brincar quando se faz Arte quando vemos os registros fotográficos do momento da execução do mesmo.

Imagens 01 e 02 – Intervenção na escola. Pintura das brincadeiras no pátio.



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Imagem 03 – Intervenção na escola. Pintura do painel do muro.



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

O prazer ao fazer Arte é nomeado por alguns artistas como “brincar” com o material, sem a preocupação, a princípio, se vai dar certo ou não, mas buscando um resultado satisfatório. Foi assim que uma das alunas relatou quando se referiu a um “acidente” ocorrido durante a execução da pintura. A LR – 11 anos estava pintando junto com a GA – 11 anos e ME – 11 anos uma parte da brincadeira denominada “Terra, Nuvem, Sol”, no caso a nuvem. O pincel que estavam pintando o azul caiu e espirrou alguns pingos na nuvem, que já tinha pintado o desenho de branco. Depois do susto, resolveram fazer pingos azuis nas outras nuvens, colocando na avaliação escrita que “derrubamos o pincel azul em cima do branco e acabamos nos dando bem e ficou legal” (LR – 11 anos).

Imagem 04 – Intervenção na escola. Pintura das brincadeiras no pátio.



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Esse fato me remeteu novamente à Kishimoto (1998, 140), quando ela escreveu sobre as ideias de Bruner a respeito do lúdico na educação: “A conduta lúdica oferece oportunidades para experimentar comportamentos que, em situações normais, jamais seriam tentados pelo medo do erro ou punição”. Dessa forma, o ambiente se torna mais leve e mais produtivo, propiciando uma experiência com mais liberdade, incentivando não somente a criação, mas também a possibilidade de se expressarem mais, suas emoções, sentimentos e pensamentos (MOURA, 2006, p. 18). Por meio da brincadeira e do lúdico a criança experimenta situações em que fica menos constrangida se errar, sem ficar com a preocupação de ter que acertar sempre, entendendo que o erro faz parte da vida.

Fayga Ostrower (1995, p. 01-07) descreve que os acasos, que no fato acima foi denominado como um acidente ou erro, acontecem sempre, mas nem todos são percebidos. A autora relata que tem alguns acasos que acontecem quando estamos preparados ou mais sensibilizados para percebê-los e levá-los à criação, que são os “acasos significativos”. Acredito que esse foi o caso das alunas envolvidas, as quais acompanho desde o 1º ano do ensino fundamental e que são sempre muito atentas e envolvidas nas aulas de Arte, o que

provavelmente contribuiu para ampliação de seu olhar para os detalhes dos “acazos” que porventura acontecessem. No entanto, a autora ressalta que “na experiência infantil, não ocorrem acazos significativos”, visto que para ela esse fato é “característico da visão adulta” (OSTROWER, 1995, p. 07). Talvez fosse essa a realidade no momento em que fazia sua pesquisa. Porém, diante do momento atual em que vivemos bombardeados por tantas informações e as crianças, desde muito cedo possuem acesso à celulares e *tablets*, contribui para que a percepção delas esteja bem diferente. Mesmo com relação às fases do desenvolvimento do desenho, segundo Lowenfeld e Brittain⁵ (1977), conforme o estímulo dado à criança ela poderá obter um desenvolvimento além ou aquém das características para sua idade e que foram elencadas pelos autores.

Nesse sentido, acredito que como a criança está em processo de aprendizagem, esse exercício de percepção de transformar o erro ou o acaso, incorporando e ressignificando no seu trabalho, faz com que ela tenha atitudes mais positivas e criativas, não somente na sua vida escolar, mas diante de todos os momentos da vida e dos posteriores acazos que encontrarem, pois sabemos que nem sempre o erro pode ser considerado um acaso. No entanto, no caso relatado acima, (em que as alunas descrevem como erro o acidente do pincel cair no chão espirrando tinta onde não deveria), acredito ter sido um acaso significativo sim. Pode não ter sido de uma forma madura como acontece com os adultos, mas o fato proporcionou às alunas uma reflexão e o surgimento de uma ideia de continuar fazendo os pingos para criar o mesmo efeito nas outras nuvens, simplificando as ações do grupo.

Vigotski (2009, p. 16), defende que o processo de criação pode acontecer desde a 1ª infância, no sentido de que

[...] na vida cotidiana que nos cerca, a criação é condição necessária da existência, e tudo que ultrapassa os limites da rotina, mesmo que contenha um iota [mínima parte] do novo,

5 Para aprofundar no assunto ver Desenvolvimento da Capacidade Criadora (LOWENFELD & BRITTAİN, 1977)

deve sua origem ao processo de criação do homem [...] Se for esse o novo entendimento, então notaremos facilmente que os processos de criação manifestam-se com toda a sua força já na mais tenra infância.

Para o autor, o enriquecimento da capacidade criadora do ser humano “depende diretamente da riqueza e diversidade da experiência anterior da pessoa” (2009, p. 22). Portanto, quanto mais experiências a pessoa tiver, mais criativa será sua imaginação, pois terá mais material disponível para esse processo.

Ao refletir e observar as crianças concentradas no seu momento de brincadeira percebo o quanto essa experiência é vital e espontânea para elas, pois vislumbra-se a “linguagem da alma” e a “essência” do ser humano, como mostrado no documentário “Tarja Branca: a revolução que faltava”, de 2014. Esse filme fala da brincadeira como um remédio para todos nós, que na maioria das vezes é de graça e sem contraindicações. Contém depoimentos de alguns pesquisadores e artistas, colocando suas ideias acerca da importância da brincadeira não só para a infância e para o processo do ensino e aprendizagem, mas em todos os momentos da vida do ser humano. Nesse sentido, percebo que o documentário faz uma ampliação do espaço para brincadeiras, levando para nosso cotidiano a necessidade de sermos lúdicos, visando deixar a vida mais leve, menos estressante. Na brincadeira, aprendemos a colaborar com o outro, a ter um olhar mais crítico e até a pesquisar, no momento da exploração das possibilidades da mesma.

Portanto, a discussão feita neste capítulo é de suma importância para pensarmos o trabalho com brincadeiras e o lúdico no ensino-aprendizagem. Na sequência abordarei uma reflexão sobre esse processo e os fatores que me levaram a incorporar, no trabalho, outras práticas menos rígidas e tradicionais, às quais fui submetida na formação inicial. Sendo assim, no 2º capítulo veremos os reflexos da educação tradicional no cotidiano da docência.

CAPÍTULO 2

Memórias e reflexos da formação na atuação docente

O desafio é envolver. Mas não apenas envolver o aluno, mas envolver minha vida para que eu a sinta significativa, importante, transformadora e útil. Ensinar é envolver, e para envolver, eu preciso tecer esses fios entre o meu saber, minha prática profissional e minha vivência como pessoa e cidadão. (KARNAL, 2016, p. 138)

2.1 Memórias

Ressaltando esse excerto de Leandro Karnal (2016), inicio esse capítulo fazendo uma reflexão sobre minha experiência no ensino, começando por resgatar minhas memórias como estudante numa escola tradicional. O intuito de levantar essas reminiscências é para mostrar como elas ainda estão presentes na minha prática como professora, bem como relatar minhas tentativas de superar alguns entraves decorrentes dessa fase escolar.

Estudei em escola pública estadual durante a educação básica, com exceção do antigo pré-primário, que hoje corresponde ao 1º ano do ensino fundamental, que cursei em uma escola particular. Já os oito anos do ensino fundamental foram cursados na Escola Estadual Padre Mário Forestan, onde tínhamos um ensino tradicional muito rígido. Em minha memória era uma escola muito escura, tinha a maior parte da sua construção em alvenaria, algumas salas de zinco, e outra sala (ao lado da casa do caseiro) mais antiga, com carteiras de madeira, onde os alunos sentavam-se de dois em dois. Para onde íamos dentro da escola éramos organizados em fila. Tínhamos momentos em que todos ficávamos no pátio em frente às salas de zinco, cada professor com sua sala, não me lembro bem para que, talvez fosse para o momento cívico ou para as apresentações.

Sobre as aulas de artes só me lembro delas na 7ª série (atualmente denominada como 8º ano), em que fazíamos muitos trabalhos que hoje percebo eram mais voltados para o artesanato, como construção de desenhos gráficos com colagem de palitos de fósforo e pintura com tinta guache, coelho de gesso revestindo com outro material, etc.. Em outros momentos, alguns alunos mais habilidosos desenhavam no quadro para copiarmos. Na 8ª série, (atual 9º ano) tínhamos certos privilégios na escola, como a sala para essa série ser sempre a mesma, todos os anos, e às vezes, ganhávamos da supervisora livros ou revistinhas com atividades. Posteriormente, foi construída uma gruta no pátio da escola, próximo ao portão onde os professores entravam com os carros. Na gruta foi colocada a imagem de uma santa que não me lembro o nome. Nos primeiros anos tinha um pomar com pés de mexerica, que na colheita era distribuído para todos os alunos.

O segundo grau também cursei no mesmo bairro em que morava, porque ficava mais difícil frequentar uma escola em outro bairro devido ao deslocamento, que deveria ser à noite. No ano em que ia ingressar no 1º ano do ensino médio houve um projeto que disponibilizou um anexo da E. E. Professor José Inácio de Souza em uma construção do bairro, que hoje é a Escola Municipal Maria Leonor de Freitas Barbosa. O 2º ano foi realizado numa sala emprestada pela E. E. Padre Mário Foretan, onde eu havia feito o ensino fundamental, e o 3º ano foi realizado na E. E. Guiomar de Freitas Costa (Polivalente) que nos emprestou o espaço. Posteriormente, a Escola Polivalente acolheu o projeto, sendo a primeira escola no bairro a oferecer o ensino médio.

Durante o período dos meus estudos eu sempre fui muito tímida, tinha amigos, mas não conversava durante as aulas. Ficava prestando atenção, pois sempre gostei muito de estudar e admirava os professores, principalmente aqueles que eram mais competentes. Mas pensava várias vezes (e disse outras), que nunca seria professora por causa do desrespeito à categoria por parte de alguns colegas. Porém, desde essa época já tinha vontade de estudar arte, visto que, já na adolescência, passei a me interessar pelo artesanato, primeiro pedindo aos meus familiares que me ensinassem o crochê e o tricô.

Mais tarde, comecei a fazer cursos de trabalhos manuais oferecidos pelo SESI, onde tive a oportunidade de aprender várias técnicas sobre esse tipo de trabalho.

Quando entrei na faculdade, em 1991, tive um choque de realidade e devido ao meu envolvimento com o artesanato, fui estudar Arte pensando que tivesse alguma ligação, mas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o artesanato era renegado. Tive tanta dificuldade de adaptação que abandonei o curso no 5º período, só retornando em 1999 para conclusão da graduação. Nessa época, o curso já havia passado por algumas mudanças no currículo, mas os professores ainda não valorizavam o artesanato e nem o desenho realista. No entanto, ao cursar as disciplinas da licenciatura fiquei encantada com o ensino de artes visuais e os estudos me levaram a me tornar professora dessa disciplina. Logo que terminei a faculdade, em 2002, prestei o concurso na Prefeitura Municipal de Uberlândia, no qual fui aprovada e no ano seguinte já estava atuando como professora.

2.2 Reflexos da escola tradicional

No início da minha prática como professora tive muitas dificuldades, porque achei que era só conversar, pedir silêncio e colaboração aos alunos que eles entenderiam, mas percebi que eles conheciam o cotidiano escolar, ou seja, as advertências, ameaças, ter nome no quadro, chamar a supervisora, a diretora, etc. E por isso, tive que "entrar" no sistema para conseguir que os alunos me ouvissem.

Na escola onde trabalho ainda mantém-se a postura tradicional em se tratando da organização do espaço escolar. As filas continuam presentes em vários momentos (atividades extraclasse), a disposição das mesas dentro das salas de aula, em que os alunos permanecem sentados do início ao término do horário escolar, nas saídas das salas para o recreio e outras atividades dentro da escola, principalmente no ensino fundamental I. Eu segui e ainda sigo essas

orientações, pois considero poucas as vezes que organizo a sala de modo diferente. Percebo que quero manter tudo controlado, agora um pouco menos, mas no início era sempre assim: os alunos não podiam se levantar nunca, tinha que mantê-los sentados o tempo todo para não sair do controle que eu julgava ser primordial para a dinâmica do trabalho. Porém, em alguns momentos busco acrescentar no meu planejamento aulas fora da sala de aula, seja no laboratório de informática, no pátio da escola⁶, no seu entorno e em visitas a alguns espaços expositivos da cidade como galerias, museus, etc.

Aprendi, e ainda estou aprendendo, na prática, a ser professora, pois percebi que muitas dificuldades que eu me deparava, dentro do ambiente escolar, não tinham sido estudadas na faculdade. Foi conversando com os professores, supervisores, e principalmente participando da formação continuada para professores de Arte, que construí o meu trajeto até aqui. Fiz especialização em Psicopedagogia em "Contextos Educacionais", tentando preencher a lacuna sobre como lidar com alunos com necessidades especiais e com dificuldades de aprendizagem. O curso me ajudou muito a ampliar minha compreensão nessa área, mas ainda apresento algumas posturas tradicionais, mesmo tentando não tê-las. Preciso manter tudo organizado e, na maioria das vezes, continuo colocando os alunos em fila dentro da sala de aula e na locomoção dentro da escola. Não consigo deixá-los conversarem o tempo todo durante a aula; para participarem tem que levantar a mão e esperar sua vez de falar.

Percebi, ao longo desses anos, que temos que nos preparar para a mudança do ensino tradicional, não dá para ser de uma hora para outra. Mesmo porque, algumas coisas do tradicional não são ruins, precisamos mantê-las. Cito como exemplo, uma professora que trabalhou um ano na escola em que atuo, rompendo com todas as regras: sem fila, sem lugar fixo na sala de aula, sem mesas enfileiradas, com aulas diferenciadas e mais concretas. Os seus alunos adoravam suas aulas, respondiam a todas as questões orais corretamente,

6 Aulas que serão discutidas no capítulo III

porém, a forma de avaliar continuava a mesma, ou seja, priorizando a escrita, na qual eles tiveram péssimos resultados. Também não respeitavam nenhuma norma da escola e nem ninguém, eram muito indisciplinados e desrespeitosos com os outros que continuavam com as antigas regras, desciam correndo e empurrando todos na rampa.

Desde então, fiquei questionando: como devemos fazer a mudança dessa escola tradicional, de maneira que os alunos entendam e respeitem a liberdade que estão recebendo, sem ir para outro extremo? Percebi que o que faltou foi esclarecer a eles que deveriam respeitar o espaço onde eles estavam e, principalmente, as outras pessoas. Temos a responsabilidade de conscientizá-los que todos temos direitos e deveres a serem cumpridos no dia a dia, e por esse motivo temos que respeitar os limites e espaços do outro. Para que essa mudança ocorra com sucesso, temos que fazer acontecer aos poucos, para que todos assimilem e entendam o real significado da autonomia.

2.3 Transformações

Observando e refletindo sobre o cotidiano escolar, considero que hoje estou aprendendo a ouvir mais os meus alunos, pois, segundo Freire (1996, p. 120) “é escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das ideias”. Dessa forma, estou tentando intercalar momentos em que para mim eram de extrema desordem, como por exemplo, trabalhos em grupos ou atividades em que eles têm que se movimentar dentro da sala todos ao mesmo tempo, com momentos de silêncio e concentração, pois considero o silêncio extremamente importante para o aprendizado. Nesse sentido, concordo com KARNAL (2016, p. 47), quando ressalta que “movimentos produtivos, caos criativos, podem ser ótimos para o aprendizado, assim, como o silêncio absoluto e concentrado”.

As minhas aulas são fundamentadas na Abordagem Triangular, sistematizadas por Ana Mae Barbosa, que em seu livro "A Imagem no Ensino de Arte", ressalta que:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a análise da obra de arte e a contextualização estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura (BARBOSA, 2012, p. 36).

Tendo em vista essas três ações, busco planejar minhas aulas. A princípio, acreditava que deveriam acontecer todas no mesmo dia. Com o tempo, percebi que isso não era necessário, pois conforme o trabalho que estávamos fazendo, poderia acontecer cada ação em um dia ou duas ações no mesmo dia, dando sequência em outras aulas. Para chegar a essa conclusão, fui observando que muitas vezes os alunos demoravam mais no fazer artístico, no momento da construção de seu trabalho, dependendo do tipo de produção que fazíamos. Em outros momentos, a apreciação da imagem ou a contextualização era mais rica, visto que eles tinham muito o que falar e por isso necessitavam de mais tempo. Diante disso, entendi que precisava ter mais flexibilidade nos planejamentos, de acordo com suas respostas eu poderia estender o assunto por mais aulas ou não. Ao refletir sobre a abordagem triangular, Rizzi (2002, p. 69) ressalta que ela

não indica um procedimento dominante ou hierárquico na combinação das várias ações e seus conteúdos. Ao contrário, aponta para o conceito de pertinência na escolha de determinada ação e conteúdos enfatizando, sempre, a coerência entre os objetivos e os métodos.

No entanto, na maioria das vezes começo minha aula pela apreciação de uma ou mais imagens, pois acredito na importância de levá-las para serem

discutidas em sala de aula. Ana Mae Barbosa nos alerta que ensinar arte sem imagem, “é o mesmo que ensinar a ler sem livros” (BARBOSA, 2012, p. 13). Nesse sentido, o professor de artes visuais tem a responsabilidade de levar imagens para os alunos, pois talvez essa seja a única oportunidade que eles terão de conhecer a Arte. Portanto, as levo em pranchas, livros ou projeções no *data show*, organizo a turma e peço que se aproximem, observem e depois cada um fala o que viu e façam suas colocações. Só depois que eu falo sobre o motivo de ter levado aquela imagem e realizo a contextualização.

Não me detenho muito falando da vida do artista, a não ser que seja de suma importância para o trabalho. Durante algum tempo, a contextualização foi vista como sendo somente a biografia do autor, o que foi uma interpretação errônea da proposta cometida por vários professores da área. Porém, na minha prática, percebi que os alunos ficavam muito dispersos quando ouviam sobre a biografia, não tinham interesse para eles e também tirava o foco do objetivo proposto para a aula. Sendo assim, conclui que o importante na contextualização é fazer uma conexão com algo que faça sentido para eles. No princípio, eu até falava mais do artista, mas como trabalho com os anos iniciais do ensino fundamental, percebi que não era interessante para eles, isso me fez mudar minha estratégia. Essa atitude vai ao encontro com o que pensa Jorge Larrosa Bondia (2002, p. 20), que acredita que o professor deve “pensar a educação a partir do par experiência/sentido”. Também defende que devemos proporcionar aos discentes mais experiências significativas e não só enchê-los de informações.

Para aprofundar no entendimento de como a imagem é percebida pelos alunos, busquei embasamento entre alguns autores como Parsons e Housen, que segundo Rossi (2001), são os dois teóricos que construíram as mais elaboradas sequências do desenvolvimento estético. Para Parsons (1992, p.17) “as pessoas reagem de forma diferente aos quadros porque os entendem de forma diferente”, tudo depende da experiência e contato delas com a arte. Já a pesquisa de Housen (2000, p. 147) parte da sua reflexão de que “o modo como olhamos para as questões irá seguramente influenciar as conclusões a que

chegamos”. Diante disso, inicia seu trabalho acreditando que o contato com as pessoas com pouca ou nenhuma intimidade com a arte lhe daria respostas para entender como se dá a experiência estética.

Durante suas pesquisas, Parsons (1992) e Housen (2000; Apud ROSSI, 2001), encontraram padrões nas respostas de seus entrevistados, com isso, os autores criaram um modo de organizar os leitores das imagens, classificando-os em cinco estágios de compreensão estética, sendo que

Em cada estágio, um observador reage a uma obra de arte de um modo distintamente característico, ou seja, o modo em que o observador principiante faz sentido de uma obra de arte difere ainda do modo de um observador um pouco mais experiente. Enquanto um observador principiante falará sobre o que o quadro lhe faz lembrar, um observador um pouco mais experiente debaterá como o quadro foi feito (HOUSEN, 2000, p. 153).

A classificação dos estágios não foi organizada de acordo com a idade das pessoas, mas sim por sua experiência com a arte. À medida que a pessoa aumenta seu contato com a arte, vai adquirindo repertório e conhecimento para enriquecer a sua discussão. De acordo com os autores Parsons (1992) e Housen (2000; Apud ROSSI, 2001), a maioria das pessoas não passam do 1º e 2º estágios, por isso teremos no 1º estágio crianças e também adultos. As características dos estágios são muito semelhantes para os dois autores. Porém, farei um resumo das mesmas nomeando-os segundo Housen, que denomina o 1º estágio de Descritivo (*Accountive*), encontram-se os leitores que têm pouco ou nenhum contato com a arte. O que vai chamar sua atenção será o tema, as formas e cores, criando uma história para falar sobre a imagem, fazendo algumas relações com sua vida e tentando responder à questão norteadora da sua leitura: “o que é isto?” Porém, ainda não consegue ficar muito tempo nesse exercício. Essas características foram percebidas não só nos alunos envolvidos na presente pesquisa, mas principalmente nas entrevistas feitas por eles com seus familiares. Como veremos no capítulo III, as respostas,

em sua maioria, foram muito curtas e diretas, falando sobre aquilo que estavam vendo e fazendo algumas associações com seu conhecimento.

Já no 2º estágio, denominado como Construtivo (*Constructive*), o leitor apresenta mais compreensão e disponibilidade para análise. Tem uma maior consciência da imagem como um todo e tentará fazer conexões com suas experiências anteriores. Sua pergunta principal será: “como isso é feito?” Buscará descobrir qual a técnica utilizada pelo artista, quanto tempo foi gasto, quais são os elementos formais e qual sua ligação com o mundo que o cerca, ou seja, o que o artista discute por meio dessa imagem.

Avançando um pouco mais, o leitor do 3º estágio, chamado de Classificativo (*Classifying*), tem algum conhecimento da história da arte. Juntando com as informações encontradas na imagem, procura ligações para sua análise. As perguntas a serem respondidas são: “quem e por quê?”

O leitor Interpretativo (*Interpretative*), referente ao 4º estágio, amplia sua leitura colocando elementos da sua memória, intuição e emoção, deixando o olhar menos egocêntrico, passa a pensar mais no coletivo.

No último estágio e também o mais difícil de ser alcançado, o Re-criativo (*Re-creative*), encontram-se aqueles que têm muito contato e intimidade com a arte, que possuem grande experiência na leitura de imagem. Conhecem, também, a obra analisada, a história da arte e, conseqüentemente, qual o percurso que o artista realizou. Em suas leituras farão uma análise, não só do artista, mas fará também ligações com sua experiência e com o mundo atual, tentando responder a todas as perguntas dos estágios anteriores, como forma de reconstruir a obra.

Em vista disso, com o objetivo de ampliar o repertório dos alunos para se envolverem mais na apreciação de imagem em sala de aula, sempre faço esse exercício, orientando-os a ficarem a vontade para falar. Não existe o certo ou o errado nesse momento, cada um pode se aproximar da imagem, observar e depois fazer seus comentários. Após esse primeiro momento, vem a contextualização em que tenho a oportunidade de falar mais sobre a imagem: o título, nome do autor, data em que foi feita e o motivo da escolha daquela

imagem para a aula, e, principalmente, fazendo uma ligação com os comentários feitos por eles. De acordo com Rizzi (2002, p. 74),

é preciso, no entanto, ter claro que esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma determinada história de vida, em que objetividade e subjetividade organizam, de modo singular, sua forma de apreensão e de apropriação do mundo [...] o que é descrito não é a situação, o fato, mas a interpretação que o leitor lhe conferiu, num determinado momento e lugar. O olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar, filtrar e interpretar acerca do visto, e que nos é significativo.

Por isso, percebo o quanto esse momento é rico, porque proporciona uma oportunidade de ouvir e conhecer mais os alunos, visto que nos comentários da apreciação da imagem eles trazem fatos do cotidiano e suas percepções acerca da vida.

Já no fazer artístico, na maioria das aulas, trabalho com o desenho tentando mudar, às vezes, o material ou o suporte. Como na escola em que trabalho não temos sala ambiente para as aulas de artes, e nem um local apropriado para guardar os trabalhos da turma⁷, fica complicado trabalhar mais vezes com pintura e trabalhos tridimensionais. Quando fazemos pintura, tenho que levar todo o material para sala de aula (tinta, pincéis, vasilha com água, etc.), montar a estrutura para a aula acontecer e depois organizar para o próximo professor. Esse momento da pintura e para os trabalhos tridimensionais fica reservado para algumas aulas durante o ano, contemplados em alguns projetos.

Com exceção de alguns projetos em que o fazer artístico demanda mais tempo que 2h/a (carga horária semanal da aula de arte), sempre mantenho a apreciação de imagem na aula, seja dos artistas ou dos alunos, pois considero muito importante fazer a apreciação das imagens produzidas por eles. Algumas

7 Só há um armário de duas portas para todos os professores de Arte, que costuma ser 3 professores no turno da manhã e 2 no turno da tarde.

vezes, peço que desenhem em folhas sulfite para colar na parede dentro da sala para fazermos uma apreciação mais aprofundada. Dessa forma, cada aluno escolhe sobre qual desenho quer falar, sendo que o objetivo para esse momento é observar e aprender a respeitar as diferenças de cada um, mesmo com a mesma proposta de aula, cada um consegue resolver o trabalho à sua maneira.

Ao longo desses 15 anos de experiência como professora, ficou muito nítido para mim o quanto sou metódica. Criei uma rotina de aula, a ponto de alguns alunos perguntarem antes: “Qual imagem vamos ver hoje, professora?”. Por um lado, isso é positivo, pois me preocupo em fazer o planejamento das aulas, mas corro o risco de entrar num ciclo repetitivo de ações em cada uma delas. Diante disso, busquei algumas alternativas para sair dessa rigidez e ao mesmo tempo me aproximar da realidade deles, foi quando comecei a trabalhar com brinquedos, brincadeiras, jogos e histórias nas aulas de artes. O primeiro trabalho com brinquedos foi com o 1º ano em 2005, em que busquei inspiração em Ana Angélica Albano Moreira (1984) quando ressalta que a criança “desenha brinquedos, brinca com os desenhos”, e também quando reitera que

é desenho a maneira [...] como a criança concebe seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe [...] As bonecas no chão e os carrinhos enfileirados falam sobre a criança que os arrumou. Contam sobre o seu projeto (p. 16-17),

Diante disso, realizei algumas aulas nas quais os alunos fizeram desenhos com brinquedos, cujo resultado foi fotografado e exposto na escola. Não usei nenhuma referência de artista nesta aula, a motivação partiu das aulas anteriores que fizemos apreciação de imagens e trabalhos com outros materiais como desenho com lápis de cor, canetinha, giz de cera, recorte/colagem de papel colorido e pintura. Naquele momento iríamos usar os brinquedos para compor os desenhos.

Imagem 05 e 06 – Desenhos com brinquedos



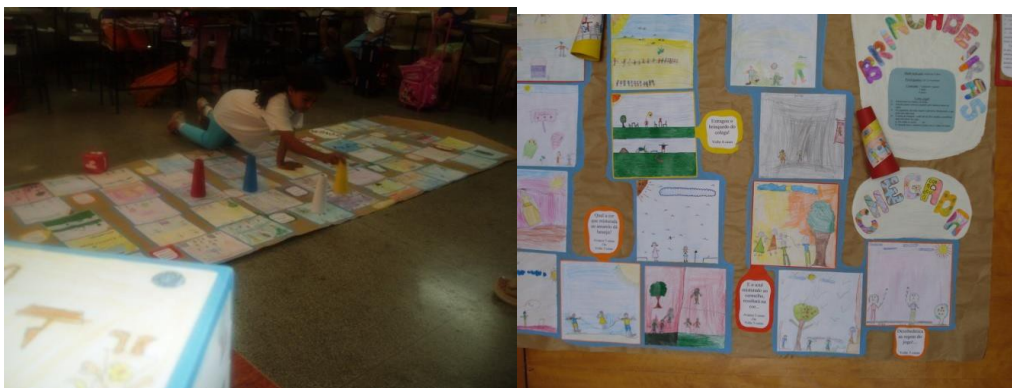
Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

O resultado dessa experiência foi muito positivo. Percebi que os alunos se envolveram bastante e construíram desenhos muito interessantes. Teve um momento em uma das aulas em que me aproximei de um grupo e eles estavam contando uma história partindo do desenho que tinham organizado. Não me lembro da história, mas o que ficou marcado na minha memória é que eles também faziam parte dela.

A partir desse dia passei a desenvolver alguns projetos explorando esse tema, bem como me aventurando também no campo da literatura, trabalhando com histórias e personagens. Importante se faz mencionar que no ano de 2007 aconteceu o projeto "Cores primárias através dos jogos e brincadeiras". Nele, em cada aula era explorado um jogo diferente: dominó, jogo de trilha e jogo da memória. Em seguida, lançava-se a proposta de construirmos os jogos por meio da composição dos desenhos, fazendo uma ligação com o que tínhamos estudado nas aulas de arte, com ênfase nas cores. Fizemos o jogo de trilha (Imagens 07 e 08) que continha perguntas relacionadas ao que tínhamos visto durante o ano, o jogo da memória que está no contorno da Imagem 10 e o

dominó das cores (Imagens 09 e 10). Todos os jogos depois de prontos foram jogados na sala de aula antes da exposição no pátio da escola.

Imagens 07 e 08 – Jogo de trilha



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Imagens 09 e 10 – Dominó das cores



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Já no projeto "Jogos e Arte", de 2011, foi explorado mais a apreciação de imagem por meio de jogos. Nas primeiras aulas trabalhamos com o jogo da memória (Imagens 11 e 12) distribuindo algumas palavras à turma, que foi dividida em pares. Cada aluno teria que desenhar o que lhe viesse à memória ao ler a palavra. Na aula seguinte, foi colocado as imagens produzidas no quadro para encontrarem seus pares e discutirem o resultado. Um dos questionamentos realizados foi se a palavra sorteada lhe trazia outras

lembranças. Alguns trouxeram a resposta na outra aula, fizeram poesias com sua palavra e uma aluna trouxe uma música. Foi interessante a discussão de como eles fizeram seus desenhos bem diferentes, mesmo pegando palavras iguais, pois ficou muito subjetivo na medida em que, para cada um, a palavra evocava lembranças muito diferentes. Por exemplo, um dos alunos desenhou um indígena no meio da floresta, e a palavra que pegou foi tristeza. Sua justificativa foi que é muito triste ser indígena, morar no meio da mata sem recursos.

Imagens 11 e 12 – Projeto Jogos e Arte: Jogo da memória

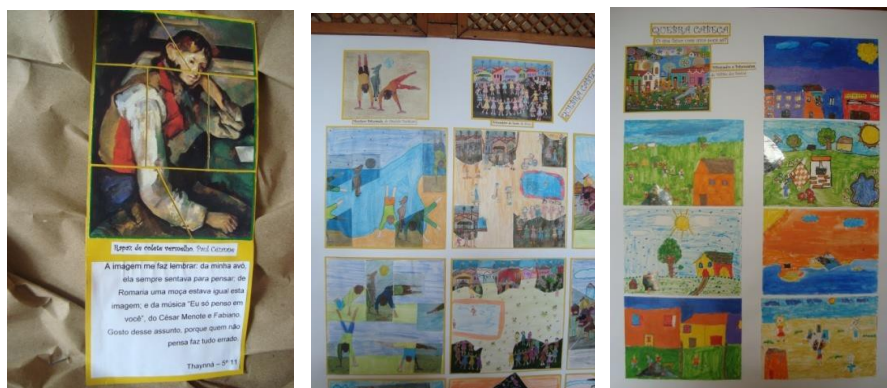


Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Na imagem 13 vemos um dos resultados do momento da montagem de quebra cabeças de imagens diversas, para em seguida fazer sua apreciação por escrito. No segundo momento, (Imagem 14), foi entregue uma imagem xerocada

(preto/branco), para trabalharmos com a desconstrução e reconstrução da mesma. Eles deveriam colorir à vontade, recortar em várias partes e colar sem montar a imagem original e depois continuar o desenho à sua maneira. Para essa aula foram utilizadas as imagens "Meninos brincando", de Cândido Portinari⁸; "Brincadeira de roda", de Aracy de Andrade⁹ e "Aviãozinho de Papel", de Ivan Cruz¹⁰. Finalizamos o projeto com uma pintura com tinta acrílica, partindo de um fragmento da imagem "Brinquedos e brincadeiras", de Militão dos Santos¹¹ (Imagem 15). Cada aluno teria que observar seu fragmento e continuar a imagem do seu jeito, somente depois que fizemos a apreciação da imagem original.

Imagens 13, 14 e 15 – Projeto Jogos e Arte: Quebra cabeças



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Revisitando minha trajetória, percebo que na minha prática como professora acontece uma mistura do tradicional com abordagens contemporâneas de educação, pois apesar de ainda manter atitudes tradicionais, como a organização da sala de aula e a exigência do silêncio, busco trabalhar com meus alunos com o intuito de desenvolver suas percepções

8 Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/337840409532322840/>. Acesso em 16.Jan.2018

9 Disponível em <http://casadaarteloja.blogspot.com.br/2011/02/aracy-de-andrade.html>. Acesso em 16.Jan.2018

10 Disponível em <http://artese curiosidades2ano.blogspot.com.br/2015/10/brincando-com-as-obras-de-ivan-cruz.html>. Acesso em 16.Jan.2018

11 Disponível em <http://eustaquiotolentinoespinosa.blogspot.com.br/2015/06/1283-militao-dos-santos-e-sua-arte.html>. Acesso em 16.Jan.2018

estéticas e expressões criativas, levando-os a empreender um olhar sensível ao ambiente que os cerca. Ressaltando, acima de tudo, os valores humanos, a relação com a família, com a escola e a sociedade.

Sem dúvida, esse é um grande desafio para nós, professores, ou seja, manter sempre uma atitude reflexiva sobre nossa prática e sobre a educação na contemporaneidade. Isso nos permite adequar e enriquecer nossas atitudes e ações em prol de uma educação mais significativa para a vida de nossos alunos e, conseqüentemente, para a construção de uma sociedade mais humana.

No capítulo III, veremos o resultado e as discussões levantadas a partir dos dados coletados e do desenvolvimento da presente pesquisa.

CAPÍTULO 3

Imagens norteadoras e espaços brincantes

A arte exprime mais do que aquilo que um indivíduo tem em mente num determinado momento. O que a arte nos permite compreender não é [...] o que o artista procurou conscientemente comunicar. O sentido da arte pertence [...] ao domínio público [...] comporta diversas camadas de significação e pode revelar facetas dos seus criadores de que eles próprios não se aperceberam. (PARSONS, 1992, p. 29)

3.1 Imagens norteadoras

Como relatado no capítulo II, a apreciação de imagem é uma prática recorrente em sala de aula, por isso, esse procedimento aconteceu em vários momentos durante a realização do projeto. No início, ocorreu para instigar os debates com a turma, observando e discutindo sobre os trabalhos de grafiteiros e outros artistas da nossa cidade para inspirar o desenho que comporia o painel do muro, as pesquisas dos artistas selecionados e também a produção dos próprios alunos. Outrossim, neste capítulo faremos algumas reflexões, começando pelas apreciações de imagens dos alunos e entrevistados.

Diante disso, para esta pesquisa foi feita a escolha da imagem “Jogos Infantis”, de Pieter Bruegel (Imagem 16), como fonte instigadora para o início das discussões sobre os espaços para brincadeiras. Apesar de ter sido elaborada em 1560, vemos nela várias crianças e adultos ocupando todos os espaços com jogos e brincadeiras, não só as ruas, mas nos quintais e no interior das casas, fato comum daquela época. Quando realizamos uma apreciação mais detalhada, podemos notar uma variedade de cores nas roupas das pessoas e também brincadeiras que ainda estão presentes nos dias atuais. Porém, se a observarmos rapidamente, a imagem aparenta ter poucas cores, e devido ao fato de possuir grande quantidade de pessoas, alguns alunos e

entrevistados foram induzidos à interpretações de que havia na cena muita confusão e bagunça.

Imagem 16 – Bruegel, Pieter. Jogos Infantis, 1560. Pintura. 118 x 161 cm, Kunsthistorisches Museum, Viena



Fonte: SANTA ROSA, 2001.

Como parte do levantamento de dados, foi solicitado que os alunos fizessem a apreciação da imagem, em sala de aula, antes de entrevistar seus familiares. Além de coletar suas opiniões, essa estratégia serviu como um exercício de como encaminhar a entrevista. Também foi orientado para que eles não mostrassem o nome da figura antes, para não induzir a apreciação. O esquema para a entrevista tinha 4 questões: 1) Descreva o que tem na imagem. 2) O que você acha que está acontecendo nela? 3) Essa imagem te traz alguma lembrança? Qual (ou quais)? 4) Você se lembra das suas brincadeiras preferidas? Escreva quais são elas e onde costumava brincar. Foi solicitado para quem sentisse necessidade, perguntasse mais alguma coisa, podendo anotar no verso da folha. Somente uma aluna (GY – 11 anos) acrescentou uma pergunta a duas pessoas: “Qual o título você daria a essa imagem?” As respostas foram: “Festa da padroeira da cidade” (LU – 53 anos em entrevista concedida a GY – 11 anos); e “A festa da vila” (LA – 31 anos em entrevista concedida a GY – 11 anos). Percebe-se aqui que as respostas estão ligadas à associações livres com

as memórias e experiências das entrevistadas, característica do 1º estágio de compreensão estética, conforme discussão realizada no capítulo II.

O primeiro fato que me chamou a atenção nas respostas, foi que a maioria dos alunos foram bem diretos, responderam em poucas palavras. Isso já havia sido identificado anteriormente, quando foi solicitado que escrevessem a apreciação da imagem. Notei que geralmente quando as perguntas são feitas de maneira oral, eles elaboram mais suas respostas, porém, quando é pedido para escreverem são mais sucintos. Vigotski (2009, p. 64) discorre sobre esse fato como sendo um processo normal no desenvolvimento da criança, ou seja, a fala é mais natural para ela. Por isso, não vê a necessidade da escrita, só quando esta lhe for mais familiar e o assunto for uma escolha pessoal. Nas entrevistas com os familiares também percebi a dificuldade de colocarem mais informações, provavelmente por eu ter pedido que eles mesmos escrevessem as respostas, e com isso não houve gravação das falas.

Analisando o resultado das apreciações das imagens, notei um fato comum, por se tratar de uma imagem com muitos detalhes e a primeira vista com cores escuras e com pouca variedade, percebi que um grande número de pessoas apresentou, a princípio, algum tipo de estranhamento. Na questão 1: Descreva o que tem na imagem, foi solicitado que relatassem os elementos de composição da imagem, ou seja, as figuras, cores, formas, símbolos, espaço, etc. Diante disso, 68% dos alunos e 32% dos entrevistados descreveram os elementos presentes na cena, como por exemplo: “Na imagem tem uma espécie de um bar e uma casa enorme, várias pessoas e essas pessoas estão com bambolê, com barris e algumas brincam de ciranda.” (GY – 11 anos). Porém, 37% dos alunos e 38,5% dos entrevistados apontaram na figura brincadeiras, diversão, festa e também “Pessoas brincando, descansando, todas livres e se divertindo de alguma forma.” (IR – 46 anos, em entrevista concedida a AR – 10 anos).

Apenas um aluno (2,8%) fez associações com seus conhecimentos e experiências: “Na imagem tem várias pessoas, várias casas, várias árvores, uma cerca, uma aldeia, crianças, igreja, bar e alguns barris.” (GA – 11 anos). Já os

entrevistados, 11% relacionaram a imagem aos seus conhecimentos prévios: à Idade Média, a uma cidade antiga ou conhecida por eles, por exemplo:

A imagem apresenta um espaço central de uma cidade da Idade Média, onde aconteciam diferentes atividades. (EL – 36 anos, em entrevista concedida a LA – 10 anos)

Está parecendo Salvador, uma igreja, uma roda de capoeira. (JA – 48 anos, em entrevista concedida a JA – 11 anos)

Outra fala recorrente nas respostas foi que um aluno (2,8%) e 35,5% dos entrevistados achavam que se tratava de violência, brigas, bagunça: “Acho que era na época da escravidão dos índios e está acontecendo alguma batalha.” (GIO – 10 anos); “Muita confusão, muitas brigas, disputa de algo.” (LE – 36 anos, em entrevista concedida a LR – 11 anos). Por falta de costume ou contato com a arte e, conseqüentemente, inabilidade na apreciação de imagens, os entrevistados e alguns alunos não se deram um tempo maior nesse momento, permanecendo neles a primeira impressão, característica típica dos leitores do 1º estágio.

A opinião de alguns, da cena ter algo relacionado à violência, surgiu na questão 1 e foi reforçada na questão 2, que solicitou que escrevessem o que achavam que estava acontecendo na imagem, isto é, 22,8% dos alunos e 27,5% dos entrevistados. Porém, nessa questão, 74,2% dos alunos e 66% dos entrevistados relataram observar crianças brincando, muita diversão, festa. Alguns descreveram ver pessoas trabalhando: 17,1% dos alunos e 21% dos entrevistados.

Eu acho que tem crianças brincando, pessoas que parecem brigar, pessoas trabalhando e outras também brincando, também há pessoas construindo coisas. (JH – 11 anos)

Eu acho que está tendo um dia de brincadeiras e o dia dos(as) trabalhadores. (LY – 10 anos)

Várias manifestações de alegria, onde grupos expressam as suas emoções de forma alegre, na maioria das vezes em

atividades físicas em grupos. (LD – 26 anos, em entrevista concedida a YA – 11 anos)

Brincadeiras: rola o arco, balança caixão, dependurar de cabeça para baixo, nadar no rio, roubar a bandeira e etc. (MG – 47 anos, em entrevista concedida a IA – 10 anos)

Retrata o período antigo, pessoas simples se divertindo e trabalhando. Mostra miséria, felicidade e humildade. (AC – 15 anos, em entrevista concedida a AR – 10 anos)

Houve, também, pessoas que mudaram sua opinião, conforme os seguintes relatos:

Quando eu olhei a primeira vez, achei que era uma guerra. Depois de analisar mais cheguei a conclusão de que apresenta ser crianças brincando. (PA – 14 anos, em entrevista concedida a LA – 10 anos)

Vejo pessoas brincando de pular carniça, brincando de bambolê, 5 Marias, pesando a melancia (brincadeira), cavalinho, cambalhota e cadeirinha. OBS: A princípio eu pensei que era uma bagunça e brigas, depois percebi que eram brincadeiras. (RO – 44 anos, em entrevista concedida a AC – 10 anos)

Esse fato me remeteu às possíveis diferenças entre os termos olhar e ver, isso porque a apreciação de imagem requer do leitor dispor de um tempo e uma atenção mais precisa para ser analisada, pois mesmo que não exista erro ou acerto nesse momento, muitos saem com a primeira impressão, sem se preocuparem em aprofundar o olhar. Quando Pillar (2002, p. 72-73), discorre sobre a diferença entre olhar e ver, ela ressalta que geralmente “começamos olhando para depois chegarmos ao ato de ver [...] É só quando se passa do limiar do olhar para o universo do ver que se realiza um ato de leitura e de reflexão”. Muitas vezes, na correria do cotidiano, andamos pelas ruas sem perceber o que está a nossa volta, só olhando, sem ver nada, até que alguém nos chame a atenção para determinado fato ou imagem.

A apreciação de imagem pode nos proporcionar a oportunidade de fazer esse exercício de parar, olhar e ir além da superficialidade, aprofundando o ver e o refletir sobre o que está diante do nosso olhar, tornando-nos sujeitos mais

críticos e sensíveis ao que acontece no mundo. Nesse contexto, podemos ver que nos dois últimos exemplos, os entrevistados se permitiram um segundo olhar diante da imagem, para não ficarem com a primeira impressão que tiveram, e assim, ampliaram a sua percepção.

Na questão 3: Essa imagem te traz alguma lembrança? Qual (ou quais)? 8,5% dos alunos e 20,1% dos entrevistados disseram não se lembrarem de nada; lembranças ruins foram citadas por 14,2% dos alunos e 11% dos entrevistados, por exemplo: “Ela me fez lembrar uma coisa que eu vi na TV que as pessoas estão fugindo do país porque não tinha comida e nem casa.” (FR – 11 anos). Contextualizando, nessa época estava começando as notícias na televisão sobre as pessoas fugindo da África e buscando refúgio na Europa, por causa dos conflitos de guerras em seus países. Porém, a maioria, 71,4% dos alunos e 68,8% relataram boas lembranças, dentre elas de quando brincavam na rua (14,2% - alunos e 11% - entrevistados):

Me faz lembrar de brincadeiras que tive com meus primos, colegas e etc, uma vez que fui no trabalho do meu pai e outras vezes no da minha mãe e também algumas brigas que eu vi e ouvi. (JH – 11 anos)

Esta imagem me faz lembrar de um dia que eu fui para Araguari-MG, na casa do amigo do meu pai, então os filhos do amigo do meu pai, os filhos dos vizinhos do amigo do meu pai, eu e meus irmãos juntamos na rua de lá porque a rua de lá é bem tranquila, e ficamos brincando de bola, bicicleta, carrinho e etc. (AC – 10 anos)

Sim, de quando a nossa cidade era mais calma e eu ainda criança andava pela cidade sozinha e brincava pelas ruas. (MA – 51 anos, em entrevista concedida a HY – 10 anos)

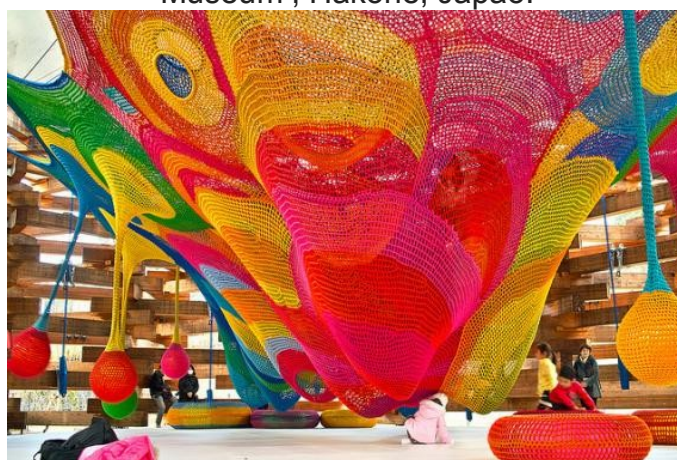
Nossa, se é alguma brincadeira está muito confuso, muita bagunça. Nunca brinquei dessa forma. Rsrs. (LE – 36 anos, em entrevista concedida a LR – 11 anos)

Nesse 1º momento da apreciação de imagem, os alunos não colocaram informações dos conteúdos trabalhados nas aulas de artes. Porém, quando

realizamos a discussão mais aprofundada da Imagem 16, “Jogos Infantis”, de Pieter Bruegel, onde foi mostrada a eles uma apresentação no Power Point que tinha vários detalhes dessa figura, com isso foi proporcionado a todos ampliar suas percepções. Dessa forma, os alunos conseguiram identificar e relatar oralmente conteúdos trabalhados nas aulas de arte, como o pouco contraste das cores e a monocromia em algumas partes da imagem. Também fizeram comentários quanto à habilidade do artista, dizendo ter demorado muito para execução da pintura por ter muitos detalhes realistas. De acordo com Housen (2000), essas são características próprias de leitores do 2º estágio de compreensão estética.

Fizemos também, apreciações de algumas imagens da artista japonesa Toshiko Horiuchi MacAdam (GIROLAMINI, 2012), a qual teve uma pesquisa similar a esta. No início da década de 1970, ela fez um levantamento de como eram os espaços para brincadeiras na cidade de Tóquio – Japão, e constatou que a cidade não tinha espaços organizados para esse fim e nem o poder público se preocupava com esse fato. Após essa pesquisa a artista relata ter encontrado as respostas e o sentido para sua arte, buscando, a partir de então, a ocupação e a interferência de alguns espaços para criar lugares apropriados para as crianças brincarem e conviverem socialmente.

Imagem 17 – MacAdam, Toshiko Horiuchi. Instalação. 2009. Hakone Open Air Museum, Hakone, Japão.



Fonte: Nina, 2012.

Por coincidência, nesse mesmo ano, no recesso de julho, foi organizado um espaço para brincadeiras no shopping da cidade que me remeteu ao trabalho dessa artista, por isso foi feito o registro (Imagem 18) para ser comentado com os alunos. Porém, antes de apresentar a imagem fotografada, quando estávamos conversando na volta das aulas no 2º semestre sobre a retomada da nossa pesquisa, a aluna GY – 11 anos relatou ter visto esse espaço no shopping. Disse que achou muito parecido com os trabalhos da artista que tínhamos estudado no semestre anterior, mesmo não se lembrando do nome dela. Depois que ela comentou, outros alunos também disseram ter visto o local, bem como ter se lembrado da artista.

Imagem 18 – Espaço para brincadeiras no Center Shopping. Uberlândia.
Julho/2016.



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Desse modo, em outros momentos do projeto, foi conversado e solicitado a eles que colocassem mais detalhes nas suas apreciações, na tentativa de aprofundarem nesse exercício. Quando fizemos a pesquisa dos artistas no Laboratório de Informática, percebi um avanço nas colocações dos mesmos a partir do 2º artista pesquisado: Ivan Cruz. Na pesquisa do primeiro artista, Cândido Portinari, a maioria se limitou a escrever parte dos textos pesquisados. Nessa primeira pesquisa foi solicitado que lessem uma breve biografia do autor e depois escolhessem alguns trabalhos para fazerem a apreciação da imagem.

Somente uma aluna conseguiu colocar a sua opinião, mesclando partes do texto com suas próprias palavras:

Eu achei muito interessante pelo fato de contar a vida toda dele. Vou contar um pouco da vida de Cândido Portinari. [...] nasceu dia 30 de dezembro de 1903 em uma fazenda de café no estado de São Paulo. Cândido Portinari era muito pobre. Ele era filho de imigrantes italianos. Ele sempre demonstrou interesse na sua vocação artística. Começou a pintar com 9 anos. Com 15 anos ele foi para o Rio de Janeiro estudar. [...] Obra [escolhida] – Brincadeira de crianças¹². [...] Bom, esta imagem não é uma pintura, mas sim um desenho. Neste desenho aparece 5 crianças brincando em um lugar plano. Eles estão pulando amarelinha, brincando de pular carniça, soltando pipa e brincando também de uma brincadeira que não consigo descrever. (JH – 11 anos)

Na pesquisa de Ivan Cruz, foi solicitado também a leitura e anotações de sua biografia antes da apreciação de suas imagens. Notei que desde o primeiro momento, alguns alunos já faziam colocações relembrando conteúdos trabalhados nas aulas de arte, demonstrando mais fluência nos relatos:

O interessante é que ele abandonou a advocacia para se tornar artista outra coisa é que a primeira obra que ele viu foi do Cândido Portinari e se encantou, ele queria fazer uma coisa boa, uma obra boa que nem a de Cândido. Ele já teve várias exposições em várias cidades e uma delas no Rio de Janeiro e outras cidades da região. Ele pintou mais de 600 quadros retratando mais de 100 brincadeiras isso é muito legal. (KAU – 11 anos)

Eu achei interessante que o artista deixou a advocacia para se tornar um artista, eu também achei interessante que na sua exposição em Portugal ele fez pinturas baseadas nas suas brincadeiras infantis, eu achei legal que o artista trabalhou com artes abstratas, também gostei muita da frase que ele criou para motivar as crianças brincarem, a frase é assim: “A criança que não brinca não é feliz, ao adulto que quando criança não brincou, falta-lhe um pedaço no coração”. Eu gostei muito do seu

12 [□] Disponível em <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/567>. Acesso em 16/04/2018.

jeito de pintar, da sua criatividade porque ele se inspira nos seus momentos passados. (VI – 11 anos)

Pude perceber, também, que os alunos gostaram mais das imagens de Ivan Cruz, porque suas cores são mais fortes e esse fator sempre chama mais atenção dos leitores do 1º estágio, demonstrando suas preferências pessoais e a forma como se sentem mais atraídos pela cor. No entanto, para Parsons (1992, p. 40), quando os leitores conseguem apontar na pintura “aspectos da experiência considerados como mais relevantes”, já é uma característica do 2º estágio. Alguns alunos citaram as cores de Ivan Cruz, não por ser uma preferência deles, mas por ser uma característica da cor e do trabalho do artista:

Escolhi uma imagem que tem dois meninos soltando pipa [Imagem 19] e no fundo tem casas e é bem colorido com cores bem fortes e com bastante contraste e fica bem bonito. (KAU – 11 anos)

Eu achei mais interessante foi a imagem das crianças brincando de pipa, balão, pulando corda e muitas outras brincadeiras.... Achei mais interessante porque as cores estão coloridas, e que essas brincadeiras são muito legais. (LR – 11 anos)

Para finalizar a segunda pesquisa, pedi para pensarem nos dois artistas: Ivan Cruz e Cândido Portinari, fazendo um paralelo entre eles. Mais uma vez foi ressaltado a preferência pelos trabalhos mais coloridos de Ivan Cruz:

A diferença é que as pinturas de Ivan Cruz são bem mais coloridas e tem muito mais detalhes já as do Cândido Portinari são bem menos coloridas e bem menos detalhes e são feitas em tábuas. (LU – 11 anos)

Que a do Ivan Cruz tem brincadeiras mais variadas, enquanto o Cândido Portinari desenha mais coisas com pipa. (HY – 11 anos)

A diferença entre eles é que as obras de Cândido Portinari não são muito coloridas já as de Ivan Cruz são mais coloridas e mais abstratas. (GA – 11 anos)

Quando responde à última questão, a aluna GA – 11 anos, comenta sobre o trabalho do artista como sendo abstrato, referindo-se ao modo estilizado como o mesmo faz a figura humana, isto é, sem detalhes no rosto, pés e mãos como podemos observar na Imagem 19. Esse comentário foi discutido em sala de aula, quando expomos o resultado da pesquisa.

Imagem 19 – Cruz, Ivan. Soltar pipa, 2005. Acrílico sobre tela. 1 x 1 m

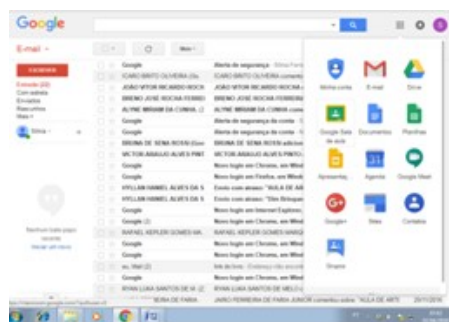


Fonte: PEREIRA, Filomena. 2015.

Importante ressaltar a maneira como organizamos as pesquisas dos artistas no Laboratório de Informática, que ocorreu por meio de parcerias dentro da escola para melhor encaminhamento dos trabalhos. A princípio, e para o bom andamento das aulas, foi combinado e agendado horários com a professora responsável pela sala de informática. Depois, dividimos a turma em alguns momentos, enquanto um grupo estava no pátio, o outro estava com ela fazendo a pesquisa sobre os artistas, que fora previamente elaborada. Nesse momento, estava sendo disponibilizado o *Classroom* - Google Sala de Aula¹³, que é uma ferramenta gratuita e própria para realizar trabalhos escolares, em que todos os alunos e também o professor têm acesso por meio da sua conta no Gmail.

13 Maiores informações disponíveis em <https://support.google.com/edu/classroom/answer/6020279?hl=pt-BR>. Acesso em 05/04/2018.

Imagem 20 – Localização do *Classroom*



Fonte: *Print screen* do acesso da ferramenta no Gmail.

A professora laboratorista tornou-se a administradora do *Classroom*, ficando responsável em cadastrar todos os alunos e professores para quando entrassem na plataforma, o professor já tivesse disponíveis suas turmas. A aula pode ser organizada no Word e adicionada na plataforma, espaço virtual em que o professor compartilha com os alunos, selecionando o conteúdo que terão acesso, isto é, se podem postar e comentar, só postar ou se o acesso será só para professores, tendo a opção de estipular um tempo para a execução da tarefa e o local em que será realizada, ou seja, na escola ou em casa, pois o *Classroom* pode ser acessado pela internet por qualquer navegador. Porém, vale ressaltar que nem todos os alunos têm acesso à internet em casa, por isso, nossa opção foi fazer essa pesquisa na escola.

Organizada e disponibilizada a aula para todos os alunos, eles a acessaram por meio da sua conta no Gmail, fazem a pesquisa e a enviam de volta para o professor, sendo que depois de enviá-la não podem mais modificar. O professor, então, tem acesso às tarefas dos alunos quando necessário e pode responder aos comentários feitos por eles, enviar avisos, criar grupos para debates, etc. A pesquisa sobre o artista Ivan Cruz foi realizada por todos no laboratório de informática.

Imagem 21 – Aula sobre Dim Brinquedim



Fonte: Print screen do acesso da aula no Gmail.

No entanto, a terceira pesquisa sobre Dim Brinquedim não foi possível fazermos juntos no laboratório de informática, devido ao tempo insuficiente e por não ter horário disponível. Por considerar esse artista pertinente à ideia do projeto que realizamos, foi elaborada a pesquisa e colocada no *Classroom* – Google Sala de Aula, como tarefa de casa. Mesmo que ao longo do ano termos notado a resistência por parte dos alunos em fazer as tarefas de casa, comprovado por meio dos relatos da professora regente. Em vista disso, somente 2 alunos se dispuseram a fazer a pesquisa.

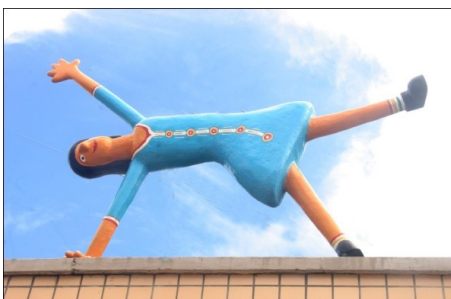
Achei interessante da vida dele foi que ele usava as ferramentas do avô dele para fazer os brinquedos barquinho, pequenos carros e caminhões. Observava todos os detalhes onde ia e só fazia as imagens inspirada em brincadeiras, Dim brincava não só com as crianças mas com os adultos também bem diferente como dos dias atuais e ainda faz brinquedos há 40 anos muito tempo. Bem conhecido também já recebeu homenagens da escola de Samba e foi isso!!!! [...] A imagem que eu mais gostei foi uma que tem várias cobras enroladas entre si [Imagem 22] todas as cores se destacam na imagem e ainda parece uma imagem abstrata eu daria o nome de (cobra abstrata) [...] Também [...] a menina dando estrelinha ao teto [Imagem 23] muito legal e divertido atrai muitas pessoas a tirar fotos. (LR – 11 anos)

Imagem 22 - Brinquedim, Dim. Cobra de duas cabeças. 2001. Acrilica sobre tela. 0,46m x 1,64m.



Fonte: foto AM. Site oficial do artista.

Imagem 23 - Brinquedim, Dim. Dançando no muro. 2008. Tinta automotiva sobre fibra de vidro. 1,30 x 1,70 x 0,16m.



Fonte: foto de Mauricio Albano. Site oficial do artista.

Eu escolhi primeiro o de uma joaninha gigante [Imagem 24] porque eu achei muito interessante as cores. (JH – 11 anos)

Imagem 24 - Brinquedim, Dim. Joaninha. 2007. Tinta automotiva sobre fibra de vidro. 0,40 x 0,35 x 0,50m.



Fonte: foto AM. Site oficial do artista.

Outra referência importante durante o projeto foram as imagens do “Mundo da Criança”, que é um espaço com vários brinquedos do Parque do Sabiá em Uberlândia¹⁴, o qual passou por um processo de revitalização com a participação de vários artistas da cidade de Uberlândia.

Imagem 25 – Entrada do Mundo da Criança, Parque do Sabiá, Uberlândia



Fonte: O Jornal de Uberlândia (site oficial). Foto de Marco Crepaldi/Secom-PMU.

Imagem 26 – Guedes, Júlia. Mundo da Criança, Parque do Sabiá, Uberlândia

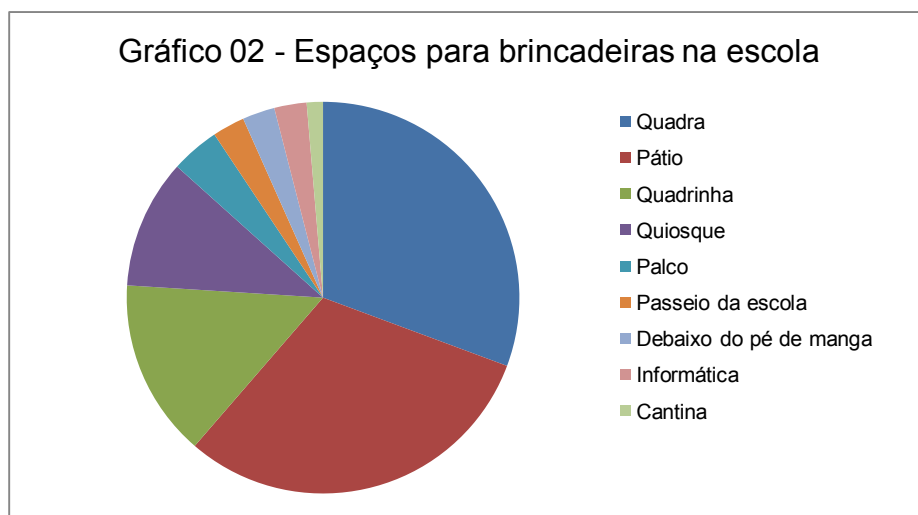


Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

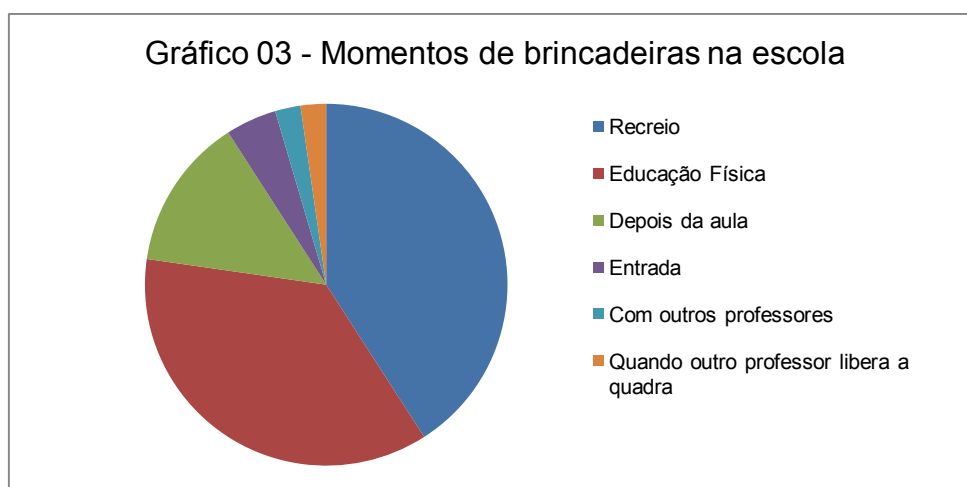
Fizemos a apreciação das imagens do antes e depois da revitalização desse espaço, bem como de todos os trabalhos feitos no local pelos artistas da cidade, ressaltando alguns grafiteiros mais conhecidos e visando instigar a criatividade dos alunos para a intervenção do espaço na escola.

14 Disponível em <https://www.ojornaldeuberlandia.com.br/2017/10/08/semana-da-crianca-sera-de-muita-diversao-no-parque-do-sabia-e-nos-polis-de-uberlandia/>. Acesso em 08.mai.2018

Simultaneamente às pesquisas, organizamos a intervenção no pátio da escola, que foi a proposta do fazer artístico do projeto e teve como auge sair do espaço comum da sala de aula e modificar um dos espaços da escola. Escolhemos o pátio por ter sido o 2º lugar mais citado pelos alunos como espaço brincante na escola (Gráfico 02) e o primeiro momento mais propício para brincadeiras (Gráfico 03), informações coletadas na produção de texto II.



Fonte: Produção de Texto II, elaborado pela autora.



Fonte: Produção de Texto II elaborado pela autora.

No gráfico 02, podemos observar os diferentes lugares citados pelos alunos como espaços brincantes na escola, sendo que os mais citados foram a quadra, onde acontece a aula de educação física, e o pátio onde ocorre o recreio. Já no gráfico 03, que mostra quais os momentos de brincadeira na escola, aconteceu o inverso: o mais citado foi o recreio e o segundo foi a aula de educação física. O terceiro e o quarto momentos citados para brincar acontecem depois da aula e na entrada, ou seja, na porta da escola, quando estão esperando para ir embora e para o início da aula.

Mediante o exposto, percebi que os alunos aproveitam ao máximo os espaços brincantes na escola como sendo para muitos os únicos espaços em que podem ter a liberdade para correr e brincar. Analisando esses dados e conversando com os alunos sobre suas colocações nas produções de textos, concluí que o espaço onde faríamos a intervenção seria mesmo o pátio. Além de ser o espaço central da escola e o lugar onde acontece o recreio, é também um espaço de passagem que dá acesso a vários outros lugares, como a quadra, o quiosque, o laboratório de informática. Enfim, esse foi o local mais pertinente para trabalharmos, pois toda comunidade escolar teria acesso a ele, principalmente os alunos. Assim, na sequência serão realizadas algumas reflexões sobre a realização do trabalho prático do projeto.

3.2 Intervenção no pátio

Imagem 27 – Pátio da escola antes da intervenção



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Após várias conversas com os alunos, e a equipe gestora da escola para definirmos como procederíamos na intervenção do pátio, optamos pela estratégia que seria melhor começarmos pintando as brincadeiras no chão. Aproveitamos as 2 amarelinhas sinalizadas e fizemos mais 2 brincadeiras escolhidas pelos alunos: Terra, Nuvem, Sol; e Dentro/Fora, todas com formato circular e acolhendo a sugestão da vice-diretora. Em seguida, formamos 4 grupos, sendo um para cada brincadeira. Depois foi escolhido um coordenador para cada equipe e este elegeu os outros integrantes. O trabalho teve duração de 2 dias de aula (4 h/a).

Imagem 28 – Detalhes da pintura das brincadeiras no chão do pátio



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Essa etapa do projeto foi enriquecedora, pois me proporcionou a oportunidade de observar os alunos em momentos de interação e colaboração em grupo. Percebemos alguns conflitos, em que alguns foram resolvidos de imediato e outros que precisaram de mais tempo para serem solucionados, como dificuldade de ouvir e aceitar a opinião do outro. Houve também, grupos que se organizaram muito bem, levando um esquema do trabalho, dividindo-se em subgrupos para facilitar a execução das atividades, que foi o caso do grupo que pintou a brincadeira Terra, Nuvem, Sol (Imagem 29).

Na avaliação solicitada após essa fase, o que os alunos mais citaram de bom foi o relacionamento com os colegas e a aula ao ar livre, como por exemplo, “Pontos positivos: passar mais tempo com meus amigos, nos divertimos e pintamos brincadeiras no chão, mas não apenas para nós, mas também para outras pessoas.” (JH – 11 anos).

Imagem 29 – Detalhes da pintura da brincadeira Terra, Nuvem, Sol



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Outra ação relevante, que foi solicitada pelos alunos, foi quando descemos para brincar no pátio para usufruírem de um momento só para eles nas brincadeiras (Imagem 30). Foi nesse momento que os meninos relataram como estavam utilizando o espaço para a brincadeira Dentro/Fora, alegando que os alunos das outras salas não conheciam essa brincadeira e a partir disso, decidiram inventar outra, aproveitando mais o espaço existente, ou seja, um grupo ficava dentro do círculo tentando empurrar uns aos outros para fora do espaço delimitado, quem ficasse por último dentro do círculo era o vencedor.

Imagem 30 – Espaço da brincadeira Dentro / Fora



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Quanto à construção do painel do muro, passamos por algumas etapas de dificuldades e indefinições: material insuficiente, quantos grupos seriam formados, qual o desenho mais apropriado, etc. Conversando em sala de aula e relembrando as apreciações das imagens feitas até o momento, chegamos a conclusão que não colocaríamos imagens de jogos, porque eles saem de moda, e a pintura nesse espaço permaneceria na escola por muito tempo. Essa decisão se deu porque na época da seleção dos desenhos, estava acontecendo o lançamento do aplicativo para celular do jogo caça ao *Pokemon*. Muitos alunos estavam envolvidos com o "monstrinho virtual" e isso naturalmente apareceu nos desenhos deles.

Diante disso, discutimos esse fato e concluímos que no painel haveria crianças brincando com brincadeiras tradicionais, porém contemporâneas, ou seja, aquelas brincadeiras que são passadas através das gerações e que também são conhecidas e praticadas por todos, pois eles as citaram nos seus textos e desenhos. Resolvido esse impasse, foi solicitado que fizessem desenhos que seriam propostas para a construção do painel do muro e que deveriam ser grandes e sem muitos detalhes, pois o muro era muito áspero.

Para organizarmos o trabalho, pensamos a princípio em dividir o muro em 4 ou 8 partes e organizar grupos na mesma quantidade, sendo que cada grupo faria um desenho diferente. Porém, no decorrer dos encaminhamentos mudamos essa ideia optando por um único painel, construído com recortes dos desenhos dos alunos. Para essa seleção, foram usados alguns critérios: os desenhos mais elaborados, os maiores e com poucos detalhes (conforme acordado antes da elaboração das figuras), e principalmente, tivemos a preocupação de que contemplassem a maioria das brincadeiras contidas nos desenhos daqueles que não foram selecionados. Quanto às cores utilizadas, tivemos que fazer algumas adaptações: para o fundo, ganhamos a tinta azul, já para o restante do painel, conseguimos a tinta branca e bisnagas coloridas. Quando fazíamos a mistura da cor da bisnaga com a tinta branca, nem todas as cores ficavam do tom exato do desenho/proposta dos alunos. Então, eles observavam quais cores que tinham disponíveis e faziam sua escolha, sendo que algumas cores podiam ser alteradas na sua tonalidade.

Imagem 31 – Painel de brincadeiras no muro



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Fazendo uma apreciação da imagem do painel, percebemos que todas as brincadeiras são ao ar livre, provavelmente porque o direcionamento das discussões durante o projeto foi para observarem os espaços brincantes que tinham na escola, ou seja, o espaço externo. Nos desenhos/propostas,

apareceram jogos também. Além do futebol, alguns alunos desenharam jogos eletrônicos ou seus personagens.

Notamos também, que todas as personagens do painel estão brincando sozinhas, sem interação uns com os outros, sendo que a maioria está utilizando brinquedos. Porém, tem algumas brincadeiras que sugerem a possibilidade de interação, como o futebol, soltar pipa (Imagem 32), esconde-esconde (Imagem 33).

Imagem 32 – Desenho do HY – 10 anos, com detalhes da pintura do painel do muro



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Como pode-se notar na Imagem 33, o desenho que inspirou a criança brincando de esconde-esconde, a menina que está escondida atrás da árvore parece interagir com as crianças brincando de cabra-cega.

Imagem 33 – 1º desenho da AC – 10 anos, com detalhe da pintura do painel do muro



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Já as personagens que estão lendo (Imagem 34), a menina com o urso (Imagem 35), o menino que está no balanço (Imagem 38), os que estão ao lado da bicicleta, pulando corda, pintando (Imagem 36), com o bambolê e o que está andando de skate (Imagem 37), estão brincando sozinhos, isolados. O menino no skate resalta essa impressão, pois está com o fone no ouvido, ouvindo música e de olhos fechados. A menina com o bambolê também está de olhos fechados.

Imagem 34 e 35 – Menina lendo e Menina com urso



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Imagem 36 – Detalhe da pintura do painel do muro



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Imagem 37 – Desenho do LR – 11 anos, com detalhes da pintura do painel do muro



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Temos também o cadeirante (Imagem 38), a qual foi uma sugestão da professora, pois nossa escola trabalha com a inclusão como meio, também de socialização, sendo que um dos alunos faz parte da sala em que foi desenvolvido o projeto. O RY – 11 anos se prontificou a fazer o desenho/proposta, que ficou bem parecido com o colega de sala, o EL – 16 anos. Quando foi executar a pintura, RY – 11 anos fez o desenho no muro bem

maior que as outras crianças, isto é, como o colega é realmente. O EL – 16 anos, tem pouca mobilidade motora, porém no natal de 2013 ganhou uma cadeira eletrônica que deu a ele mais autonomia na escola. Sua interação com os colegas se limita em observar, rir e comentar algumas coisas, apesar de falar muito devagar e baixo, é sua maneira de brincar.

Imagem 38 – Desenho do RY – 11 anos, com detalhe da pintura do painel do muro



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Todas as brincadeiras presentes no painel do muro foram citadas pelos alunos, não só nos desenhos, mas também nas produções de texto quando solicitei que relatassem quais eles costumavam brincar no seu cotidiano em casa e na escola. Esconde-esconde, futebol, pular corda e amarelinha (que foi pintada no chão do pátio), foram brincadeiras mencionadas nas duas produções de texto.

Dessa forma, conforme discussão em sala de aula, todos os alunos foram contemplados no projeto, não só por meio do desenho escolhido, mas também na sua participação na pintura. Isso porque alguns dos desenhos selecionados não foram pintados pelos próprios autores, uns por terem faltado no dia da pintura e outros foi devido à divisão dos grupos, o que ocorreu da seguinte forma: os alunos foram divididos em dois grupos, sendo que o primeiro começou

pintando o fundo, o segundo a pintar as personagens e na conclusão da pintura tivemos que fazer uma nova seleção dos alunos, mesclando os dois grupos.

3.3 Visualidades – apresentando o resultado do projeto

O termo visualidades é muito comum nas discussões na área de artes, e podemos defini-lo como “um ato de estar visível, aparecer com novo visual, transformação em belo, vistoso”¹⁵. Com o intuito de mostrar e defender o ensino de arte de Uberlândia, desde 2004 o grupo de Formação Contínua do CEMEPE – Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz, realiza o projeto Mostra Visualidades, que tem como objetivo:

[...] apresentar as práticas pedagógicas dos professores de Artes Visuais que participavam da formação continuada enfatizando a relevância da disciplina no processo de formação do aluno na educação infantil e ensino fundamental, culminando em dois momentos: a visita à exposição e a comunicação do processo de trabalho realizado pelos professores. (UBERLÂNDIA, 2010, p. 11)

Devido à importância desse projeto, não só para mostrar os resultados dos projetos trabalhados em sala de aula, mas como luta política do grupo de professores de arte, sempre nos organizamos para estarmos presentes. Já tivemos a participação de três professores da escola, porém, nesse ano de 2016 somente o projeto “Espaços Brincantes” foi inscrito. Além do trabalho de pintura na intervenção do pátio, foi organizado alguns desenhos inspirados pelo poema Brincar de Brincadeira (MUNDURUK, 2013) para compormos um painel que ficou exposto na entrada da escola. Para esse desenho, fizemos um sorteio das brincadeiras presentes no poema, os alunos pegavam um papel em que estava escrito a brincadeira e escolhiam o tamanho do suporte que queriam fazer o

15 Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/visualidade/>. Acesso em 08.abr.2018.

desenho. Em outro momento, foram organizados os trabalhos junto com a citação do poema o qual fazia referência.

Imagem 39 – 13ª Mostra Visualidades: Painel com os trabalhos na entrada da escola



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Essa primeira etapa, denominada como Mostra Visualidades, acontece simultaneamente nas escolas municipais, com projetos dos professores que se inscreveram previamente. No entanto, como desdobramento do mesmo, no ano de 2006 foram organizadas duas exposições Visualidades no SESC/Uberlândia, sendo que em 2008 essa exposição passou a ser denominada Circuito Visualidades e expandida para mais dois locais da cidade: Casa de Cultura Graça do Aché¹⁶ e CEMEPE. Nesse evento, os professores que participaram da Mostra Visualidades levam um recorte dos trabalhos expostos na escola. A comissão organizadora do Circuito avalia e seleciona em quais espaços serão expostos cada projeto. Desse modo, em 2016 o projeto Espaços Brincantes foi exposto no CEMEPE.

¹⁶ Atualmente denominada como Centro de Informação e Referência da Cultura Negra Graça do Aché.

Imagens 40 e 41 – IX Circuito Visualidades



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Como conclusão do projeto, foi proposta uma visita ao Mundo da Criança, que é um espaço com vários brinquedos no Parque do Sabiá em Uberlândia. O local foi escolhido não somente por esse motivo, mas porque fez parte da apreciação de imagens que fizemos no processo de decisões e de composição dos desenhos para o painel do muro. A intenção foi que observássemos os painéis, além de deixar os alunos livres para brincar onde quisessem. Participaram desse momento as professoras de arte, educação física e a regente.

Imagens 42 e 43 – Visita ao Mundo da Criança, Parque do Sabiá



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Todos ficaram muito empolgados desde o primeiro momento que comunicamos a eles. Fizeram todos os preparativos, inclusive organizaram um amigo-secreto, cujo presente foi feito por meio da troca de chocolates. Durante o caminho de ida, passamos por um dos trabalhos do artista Dequete, ele é um grafiteiro residente em Uberlândia, cujo trabalho nós já tínhamos feito a apreciação no decorrer do projeto. A aluna KE – 11 anos reconheceu sua obra e nos chamou para mostrá-la, e todos os outros alunos também a observaram.

Para essa visita foi planejado uma discussão sobre os trabalhos dos painéis do Mundo da criança, mas não foi possível, pois os alunos estavam muito eufóricos. No entanto, percebi que eles fizeram sua observação, cada um no seu tempo. Uma das alunas, a IA – 10 anos relatou logo que chegamos: “Nossa, professora, ficou muito bonito mesmo!” E depois do piquenique, quando estávamos indo para quadra, outro aluno, o MU – 11 anos, comentou sobre o trabalho da artista plástica Júlia Guedes (Imagem 26): “Ele [o artista] fez o desenho com formas geométricas, né professora?” Diante disso, ficou claro que mesmo eufóricos com as brincadeiras que estavam acontecendo, eles também recordaram dos trabalhos de apreciação de imagem em sala de aula.

Dessa forma, as ações realizadas nesta pesquisa nos levam a refletir o quanto foi importante para os alunos, não só a participação no fazer artístico da intervenção no pátio, mas também nas pesquisas dos artistas e a presença nas exposições. Durante todo o processo, percebi na maioria dos alunos o comprometimento e o envolvimento com o projeto, bem como o aumento da autoestima e o cuidado com o espaço da escola. Esse fator foi demonstrado não só nos comentários durante as aulas, mas também nas avaliações por escrito, por exemplo:

Os bons momentos (o lado positivo) foi que ficou legal, eu pensava que ia ficar feio mas, até que ficou legal, muitas pessoas brincam eu fico feliz! Porque eu que fiz [...] (MU – 11 anos).

Vimos vários artistas como se fosse um evento [...] gostaria de falar mais como mudou minha inspiração. Em algumas semanas eu estava com inspiração, a professora de Artes viu que muitos dias meu desenho mudou, foi a inspiração que a gente tem, que sente o desenho, se sabe o que fazer [...] com muito esforço e observação de algumas fotos e as pesquisas foi um máximo e as brincadeiras. Eu vejo gente brincando e muita gente. Eu também brinco é com muita dedicação que a gente faz (KA – 12 anos).

Apesar da dificuldade em escrever, KA -12 anos fez um relato que contempla um dos objetivos do Ensino de Arte, que é trabalhar a criatividade não só proporcionando momentos práticos, mas também com apreciações de imagens da história da arte e do seu entorno. Nesse contexto, temos a oportunidade de instigar o aluno a ter uma postura mais confiante e reflexiva no seu cotidiano, bem como de ampliar o seu conhecimento e a valorização da Arte por meio da pesquisa de artistas que trabalharam com esse assunto tão presente e vital para eles.

Finalizando esse capítulo, faço uma reflexão acerca dos espaços para brincadeiras na escola, citados pelos alunos. Muitos deles relataram não sentir necessidade de mudanças nesses lugares, visto que estava tudo muito bom.

Imagem 44 – Recreio antes da intervenção



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Imagem 45 – Recreio antes do término da intervenção



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

No entanto, quando fizemos as brincadeiras no chão do pátio da escola notei que os alunos, mesmo antes de concluído, se apropriaram do espaço imediatamente (Imagem 45). Diante disso, concluo que eles podem não perceber a diferença antes, mas sabem aproveitar muito bem as melhorias e oportunidades quando estas lhes são proporcionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre o processo desta pesquisa, cabe ressaltar o quanto é essencial a participação de todos no processo do ensino. O sucesso na aprendizagem não acontece isoladamente, os alunos, comunidade escolar, os familiares, enfim, todos em determinados momentos aprendemos enquanto ensinamos e ensinamos enquanto aprendemos. Diante disso, Percebi durante todo o desenrolar do projeto, importantes momentos de aprendizagem para todos os envolvidos. O primeiro deles foi em a relação à questão norteadora da pesquisa: Como os alunos lidam com as mudanças percebidas no espaço para brincadeiras nas últimas décadas? De acordo com o levantamento de dados, produções de textos e relatos dos mesmos, eles não estão preocupados se o espaço disponível é apropriado ou não. Simplesmente o exploram do jeito que ele é, porque só querem brincar e se divertir.

Relataram com alegria seus momentos de brincadeira, em casa e na escola, aproveitando cada oportunidade que surgia como, por exemplo, o tempo em que ficam na escola na hora do recreio e na entrada esperando o início das aulas e depois, antes de irem embora. Em casa, aproveitam os quintais, quando têm; a rua, quando supervisionado por adultos; a sala, quando todos vão dormir; enfim, os lugares que eles encontram disponíveis, ou seja, são esses seus espaços contemporâneos para brincadeira. É assim que lidam com a situação, pois a família nem sempre se preocupa com a melhoria desses momentos de lazer, visto que poucos disseram que os pais os levam a praças, poliesportivos ou parques. No entanto, alguns entrevistados, demonstraram preocupações diante dessa situação ao responderem a questão 4 da entrevista: Você se lembra das suas brincadeiras preferidas? Escreva quais são elas e onde costumava brincar.

Pique-pegas, amarelinha, barra manteiga, pula corda e bete. Brinquei demais na rua de terra, era muito bom; pena que as crianças de hoje não brincam. Infelizmente. (LE – 36 anos. Entrevista concedida a LR – 11 anos)

Sim. Como tenho muitos irmãos sempre brincava com eles de futebol, com bambolê, gangorra, esconde-esconde, passar anel, coisas que meu filho hoje nunca ouviu falar. (SI – 39 anos, Entrevista concedida a RY – 11 anos)

Diante disso, percebi a necessidade de rever e repensar os espaços contemporâneos para brincadeira, para proporcionar às crianças mais oportunidades de mobilidade, aprendizagem, autonomia e desenvolvimento.

Outro fato relevante foi que os alunos do 5º C, envolvidos no projeto, demonstraram muita alegria e orgulho em verem seu trabalho ser usufruído por todos, como relatado no final do Capítulo III. Também tiveram a oportunidade de conversar sobre o assunto com os familiares por meio das entrevistas, mesmo sendo por poucos instantes, pois de acordo com alguns depoimentos, a maioria não sabia como seus familiares se relacionavam com seus espaços para brincadeiras e nem do que brincavam. Isso proporcionou uma aproximação da criança com os pais e familiares, como também, destes com a escola, visto que, para participarem da entrevista tinham que saber o motivo da mesma, ou melhor, o que estava acontecendo nas aulas de Arte. Fato esse que foi reforçado na reunião de pais que aconteceu no mesmo momento em que os alunos estavam começando as entrevistas e na qual conversamos e esclarecemos algumas questões a respeito da pesquisa.

Além disso, percebi uma melhora significativa nas apreciações das imagens feitas pelos alunos. Puderam ampliar o olhar e organizar melhor sua escrita ao ter um importante aliado, que foi o ambiente utilizado para as duas últimas pesquisas dos artistas, o *Classroom* – Google Sala de Aula. Essa ferramenta proporcionou uma pesquisa mais organizada, tendo ainda muitos recursos para serem explorados.

Nesse sentido, a experiência e o aprendizado contemplados neste trabalho proporcionaram refletir e perceber outros caminhos e possibilidades dentro do ensino de Arte. Teve como ponto de partida a realidade dos alunos, visando ampliar seu conhecimento e criatividade, não somente na Arte, mas principalmente em suas vidas.

Enfim, este trabalho não finda com esta pesquisa, pois servirá como parâmetro para meus futuros projetos e também para outros professores de Arte que vislumbrem utilizar as brincadeiras na contemporaneidade para futuras demandas educativas nessa área.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Elisa. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**[online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em 18.ju.2016

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. A criança e a cultura lúdica. In: _____. KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2008. cap. 1. p. 19 -32.

DEMO, Pedro. O desafio de educar pela pesquisa na educação básica. In: **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores associados, 1998. (Coleção Educação Contemporânea) p. 5 - 38.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução de Anísio S. Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. **Vida e educação**. Tradução de Anísio S. Teixeira. 10ª Ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

_____. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010. – (Coleção Todas as Artes)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**, 25º Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (coleção leitura).

FERRAZ, Maria Helena C. de T., FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GIROLAMINI, Gabriele. **Toshiko Horiuchi MacAdam**: Enel contemporânea. 2012. Disponível em <<http://www.dromemagazine.com/toshiko-horiuchi-macadam-enel-contemporanea/>>. Acesso em 12.mai.2016.

HOUSEN, Abigail. O olhar do observador: investigação, teoria e prática. In: _____. FRÓIS, João Pedro. **Educação estética e artística**: abordagens transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 147 - 168.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2016.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. (Org.). et.al. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

_____. Jogos infantis: **o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MACHADO, Marina Marcondes. **A poética do brincar**. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

MARQUES, Francisco (Chico dos Bonecos). DVD número 4 – A criança e o brincar. In: _____. **Percursos da Arte na Educação**. Curadoria: Rosa Iavelberg e Antônio Eleilson Leite. Produção: Olhar Periférico Filmes. Realização: Ação Educativa. Apoio: Instituto C&A, 2015. 6 DVD's contendo vídeos com 20 depoimentos.

MARTINS, Mirian Celeste. Conceitos e Terminologia: aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. In: _____. BARBOSA, Ana Mae (Org). **Inquietações e Mudanças no Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: A educação do educador**. São Paulo: E. Loyola, 1984.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Tradução Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. (org.). **A excelência do brincar**. Tradução Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MOURA, Abilene Galdino. **Brincadeiras, brinquedos e jogos podem ser facilitadores da aprendizagem?** Rio de Janeiro: 2006. Disponível em <http://docslide.com.br/documents/brincadeiras-brinquedos-e-jogos-podem-ser-facilitadores-da-aprendizagem-monografia.html># Acesso em 30.mar.2017.

MUNDURUK. Renilda. **Brincar de Brincadeira**. Disponível em <http://poemasflordaidade.blogspot.com.br/2013/04/brincar-de-brincadeira.html>. Acesso em 20.fev.2016.

NETO, C. Tempo & espaço de jogo para a criança: rotinas & mudanças sociais. In _____. C.Netto (Ed.), **O jogo e o desenvolvimento da criança**. Lisboa: Edições FMH, 1997.

NINA. 2012. **Toshiko Horiuchi Macadam cria playground feito de crochet**. Disponível em <http://www.hierophant.com.br/arcano/posts/view/Nina/2057>. Acesso em 17.abr.2016.

PARSONS, Michael J. **Compreender a Arte**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

PEREIRA, Filomena. **Educação Infantil** [blog]2015. Disponível em <http://filomenapereira.blogspot.com.br/2015/09/blog-post.html>. Acesso em 05.abr.2018

PILLAR, Analice Dutra. A educação do Olhar no Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 6, p. 71– 82.

PRENTICE, 2006. Aprendizagem experimental no brincar e na arte. In _____. MOYLES, Janet R (org.). **A excelência do brincar**. Tradução Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 10, p. 148 - 159.

OBEID, César. **Brincantes poemas**. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2011.

OSTROWER, Fayga. Capítulo I Inspiração e individualidade. In: _____. **Acasos e criação artística**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

RIZZI, Maria Christina de Souza. Caminhos Metodológicos. In: _____. BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 5 p. 63 – 70.

ROSSI, Maria Helena Wagner. A compreensão do desenvolvimento estético. In _____. PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no Ensino das Artes**. 2ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SEVERINO, Antônio J. Docência universitária: a pesquisa como princípio pedagógico. **Revista@mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 120-128, jan./jul. 2009. (Disponível em http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_2_1/13-Rev_v2n1_Antonio.pdf)

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Brinquedos e brincadeiras**. São Paulo: Moderna, 2001 (Coleção Arte e Raízes)

SILVA, Hélio Aparecido Lima. **Livro Brinquedo de Artista**: uma biblioteca inventada. Campinas: UNICAMP, 2007.

TARJA BRANCA: a revolução que faltava. Direção de Cacau Rhoden. Produção Executiva de Estela Renner, Luana Lobo e Marcos Nisti. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2014. 1 DVD (80 min.), son., color. Documentário.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Básicas do Ensino de Artes: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Uberlândia, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo**: usos e significados no contexto escolar e familiar. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

ENTREVISTAS

AC – 15 anos. Entrevista concedida a AR – 10 anos. Uberlândia, abril 2016.

EL – 36 anos. Entrevista concedida a LA – 10 anos. Uberlândia, abril 2016.

IR – 46 anos. Entrevista concedida a AR – 10 anos. Uberlândia, abril 2016.

JA – 48 anos. Entrevista concedida a JA – 11 anos. Uberlândia, abril 2016.

LA – 31 anos. Entrevista concedida a GY – 11 anos. Uberlândia, abril 2016.

LD – 26 anos. Entrevista concedida a YA – 11 anos. Uberlândia, abril 2016.

LE – 36 anos. Entrevista concedida a LR – 11 anos. Uberlândia, abril 2016.

LU – 53 anos. Entrevista concedida a GY – 11 anos. Uberlândia, abril 2016.

MA – 51 anos. Entrevista concedida a HY – 10 anos. Uberlândia, abril 2016.

MG – 47 anos. Entrevista concedida a IA – 10 anos. Uberlândia, abril 2016.

PA – 14 anos. Entrevista concedida a LA – 10 anos. Uberlândia, abril 2016.

RAF – 32 anos. Entrevista concedida a JH – 11 anos. Uberlândia, abril 2016.

RO – 44 anos. Entrevista concedida a AC – 10 anos. Uberlândia, abril 2016.

SI – 39 anos, Entrevista concedida a RY – 11 anos. Uberlândia, abril 2016.

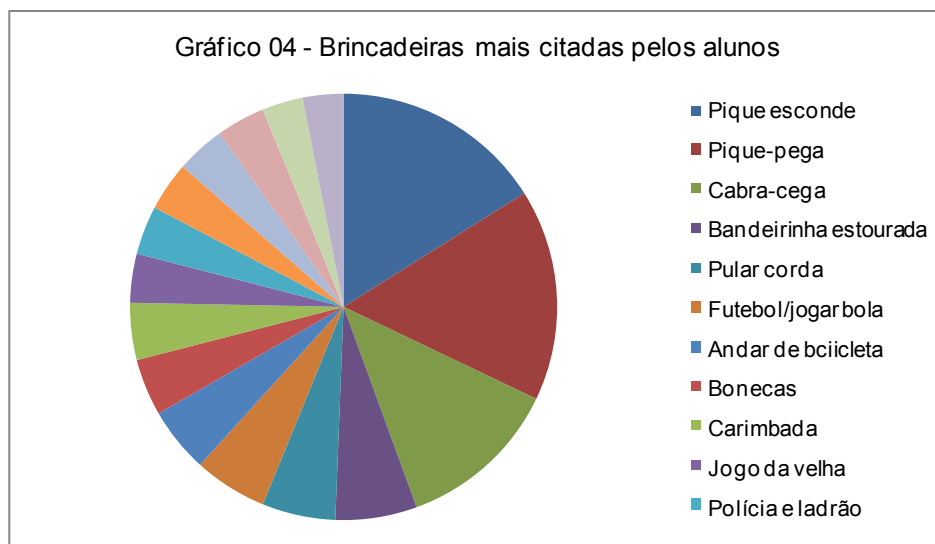
APÊNDICE I

Relatório das aulas

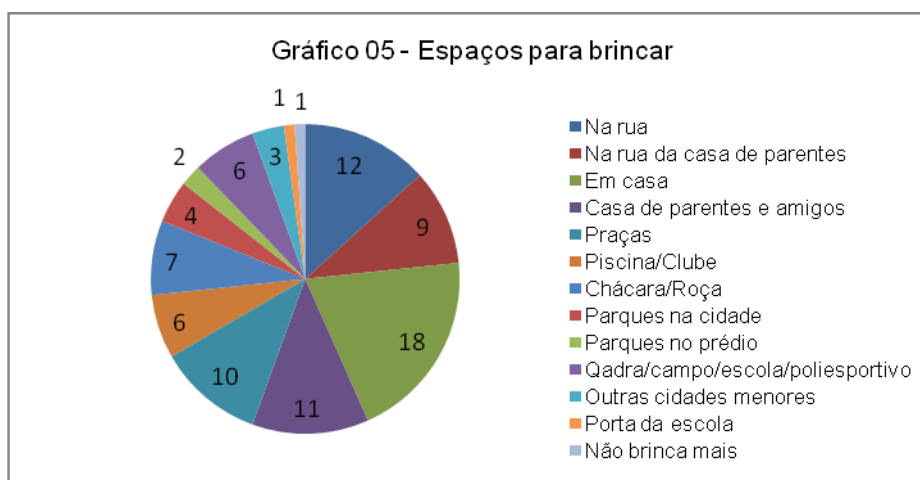
O projeto foi realizado ao longo do ano de 2016 na Escola Municipal Professor Sérgio de Oliveira Marquez, no bairro Pacaembu da cidade de Uberlândia-MG, com uma turma de 5º ano do ensino fundamental I, contendo 36 alunos. Nossa 1ª aula foi no dia 03 de março, cujo objetivo inicial foi realizar os primeiros levantamentos de dados sobre os espaços para brincadeiras dos alunos. Para compor esse tema decidi escolher um poema ou poesia que tratasse do assunto, com o objetivo de quebrar possíveis resistências advindas deles, visto que estão numa fase de transição entre pré-adolescência e adolescência. Teria que fazer a abordagem do tema com eles sem que se sentissem como crianças.

Após pesquisar poemas na internet, encontrei “Brincar de Brincadeira”, de Renilda Munduruk (2013), que começa com a frase “Ah, como era bom ser criança!” (Apêndice II). Depois, foi explicado o próximo passo que foi a produção de texto (Apêndice III) contando a realidade deles, suas brincadeiras mais comuns, quais os espaços preferidos. Porém, alguns alunos quiseram ler seu texto para os colegas, isso foi bem interessante. Em seguida, foi solicitado que escolhessem uma brincadeira do poema para desenharem no caderno de Arte.

Na aula seguinte, aconteceu a apresentação e discussão dos resultados obtidos pela produção de texto I. Os alunos citaram ao todo 67 brincadeiras, conforme pode ser observado no gráfico 04, já os espaços mais utilizados por eles encontram-se no gráfico 05.



Fonte: Produção de texto I, elaborado pela autora.

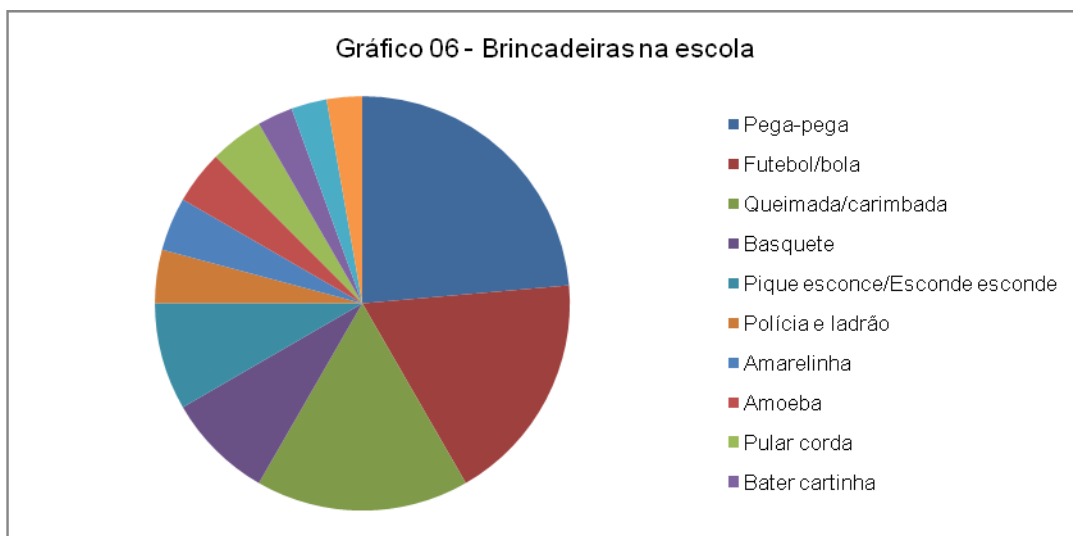


Fonte: Produção de texto I, elaborado pela autora.

Em seguida, foi solicitado que eles passassem o desenho feito no caderno de arte, que foi realizado na aula anterior, para outro suporte, ou seja, um papel similar ao *canson* e que foi reutilizado (material recolhido no lixo de uma unidade de saúde que vem na caixa de filmes de Raio X).

Na 3ª aula, como não haviam citado nada sobre a escola na 1ª produção de texto, foi solicitado a eles a produção de texto II (Apêndice IV), pedindo que fizessem um texto contando sobre os espaços da nossa escola: quando e como costumam brincar na escola. Colocaram também sugestões de mudanças para

esses espaços. Nesta aula, foi feita a explicação e preparação do material para a pesquisa com os familiares: desenho no envelope onde foi guardado o material. Da segunda produção de texto, foram levantados os lugares mais citados e os momentos para brincadeiras na escola (discutidos no capítulo III). As brincadeiras mais escolhidas estão dispostas no gráfico 06.

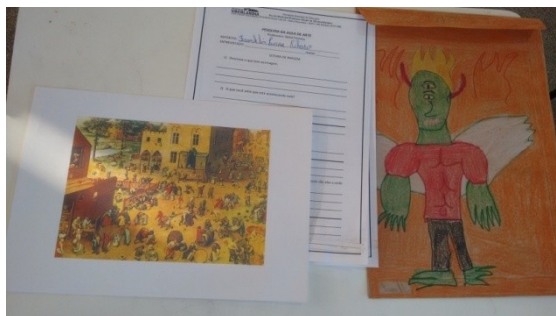


Fonte: Produção de texto I, elaborado pela autora.

Na aula seguinte, fizemos a apreciação da imagem de Pieter Bruegel (Imagem 16) em sala de aula como preparação para a entrevista com seus familiares, todos receberam uma fotocópia da imagem e pedi para escreverem suas considerações, respondendo às três primeiras questões que teriam no roteiro da entrevista: 1) Descreva o que vê na imagem. 2) O que você acha que está acontecendo nela? 3) Essa imagem te traz alguma lembrança? Qual (ou quais)? Algumas apreciações de imagens dos alunos estão no Apêndice V e foram discutidas no capítulo III. Foi solicitado em seguida, que eles fizessem um desenho partindo de um fragmento da imagem.

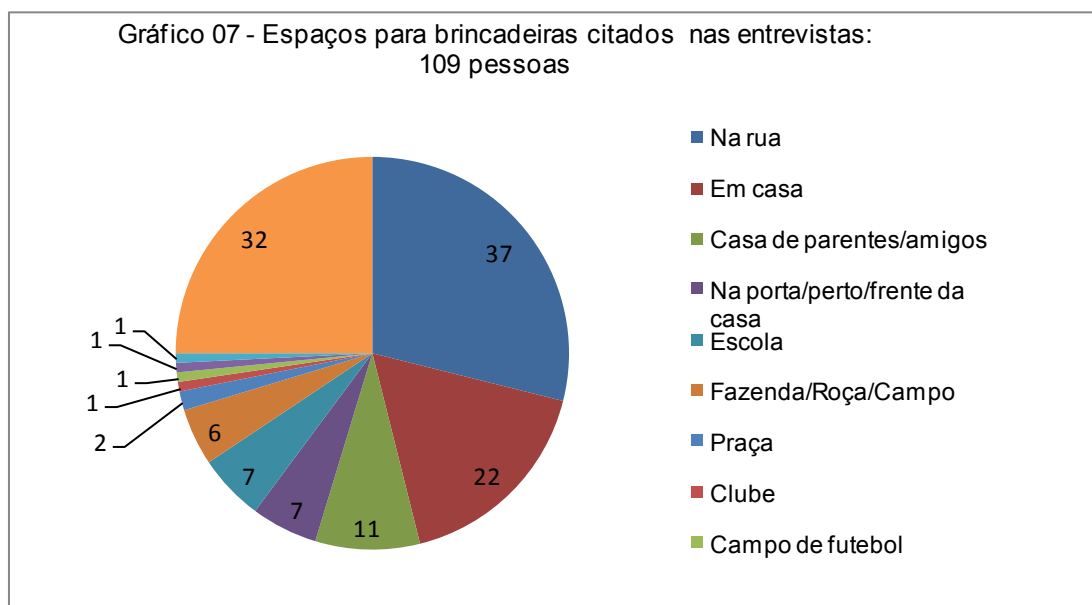
Posteriormente, fizemos uma apreciação dessa imagem mais aprofundada, conforme relatado no capítulo III. Depois, foi distribuído o material para a entrevista: um envelope contendo uma reprodução da imagem citada acima e os roteiros para pesquisa na quantidade que tinham solicitado.

Imagem 46 – Material para pesquisa com a família.



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Na 6ª aula começamos a recolher as pesquisas de quem já havia concluído. Foram 109 pessoas entrevistadas, das quais foram compilados os espaços para brincadeiras mais citados (Gráfico 07) e as apreciações da Imagem 46, discutidas no capítulo III.



Fonte: Pesquisa com as famílias, elaborado pela autora.

Finalizando esse momento, foi organizado um bingo com as palavras do Poema “Brincar de Brincadeira” (MUNDURUK, 2013), concluindo a aula com jogos da memória e dominó.

Na 7ª aula, aproveitamos também para conversar e avaliar como eles estavam se saindo nesse processo. Logo após a discussão, fizemos uma outra apreciação da imagem denominado “Jogos Infantis”, de Pieter Bruegel, por meio de uma apresentação no Power Point, mostrando detalhes da mesma, comentando as respostas das entrevistas com os familiares e as dos alunos também. Posteriormente, fizemos uma apreciação de algumas imagens da artista japonesa Toshiko Horiuchi MacAdam (GIROLAMINI, 2012), a qual teve uma pesquisa similar a esta no início da década de 1970, na cidade de Tóquio.

Após essa aula, houve um intervalo em que trabalhamos outros temas solicitados pela escola, como “Família”, para uma Mostra pedagógica e as manifestações culturais – Festa Junina, bem como uma reflexão sobre o Projeto Político Pedagógico (P.P.P.). Os professores mediarão as discussões e avaliações dos alunos sobre a escola que temos e a escola que queremos. Neste momento, aconteceu o início da discussão sobre a intervenção na escola: desenho de um espaço com sugestão da mesma.

Nas aulas seguintes, para instigar mais ideias, fizemos em outro momento apreciação de imagens do “Mundo da criança”, localizado dentro do Parque do Sabiá¹⁷, abordando o antes e depois da sua revitalização, bem como as imagens que os artistas convidados fizeram nos ambientes do parque. A intenção foi de expor a proposta de interferência na escola: levantar quais os espaços disponíveis, bem como colher as sugestões dos alunos para essa intervenção através de um desenho/proposta feito numa xerox do pátio da escola.

17 O complexo Parque do Sabiá, que começou a ser construído em 07/07/1977 e foi inaugurado em 07/11/1982, possui uma área de 1.850.000 m². [...]. No Parque do Sabiá, criança é sinônimo de lazer. O Parque Infantil é todo destinado às crianças. Para tanto, o local foi denominado de “O Mundo da Criança”, proporcionando diariamente momentos de lazer com vários brinquedos e até um trenzinho, que garante o transporte para que elas conheçam as belezas do Parque. Disponível em <http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/51/144/secretaria.html>. Acesso em 10.mai.2018.

Como eu ainda estava definindo como iríamos fazer a pintura no muro, fizemos neste momento experimentações com a técnica do stencil. Expliquei a eles como era cada passo e fizemos a impressão num papel Kraft que colei na parede. Em seguida, foi solicitado a eles colarem a forma que eles recortaram no caderno e continuarem o desenho.

Imagens 47 e 48 – Experimentações da técnica do stencil.



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Retomando as aulas, após o recesso de julho, por meio da leitura do poema “Abertura triolé” (Apêndice VI), que apresenta o livro “Poemas brincantes”, de César Obeid (2011, p. 04-05). Na sequência, discutimos e definimos os primeiros passos para a intervenção na escola, começado pela pintura das brincadeiras no chão do pátio: Amarelinha 1 e 2, Terra, Nuvem, Sol e Dentro/fora. Essa primeira parte aconteceu nas aulas 13 e 14. Como faltava pouca coisa para ser feito para a conclusão dos trabalhos, nesta aula foi planejada para dar continuidade às pesquisas sobre os artistas, organizando uma aula de pesquisa no Laboratório de Informática para aqueles alunos que não iriam participar da conclusão. O primeiro artista foi Cândido Portinari e a atividade que deveriam fazer consistia em acessar o site www.portinari.org, ler a bibliografia do artista e depois escolherem algumas imagens para fazer a apreciação e anotarem suas considerações no caderno de arte. Dessas imagens

selecionadas por eles foi feito uma discussão coletiva em sala, nas aulas seguintes.

Neste momento, foi solicitado a eles uma avaliação por escrito (Apêndice VII), que foi depois discutido com quem quisesse expor seus comentários. Durante a discussão, perguntei a eles se estavam brincando no espaço que eles pintaram. Eles disseram que sim, porém relataram sobre a outra opção inventada para o espaço da brincadeira Dentro/Fora, pois quase ninguém sabia como era (discutido no capítulo III). Foi então que solicitaram que deveríamos ir para o pátio para um momento de brincadeira só deles. Atendendo a esse pedido, nesse dia descemos um horário antes do término da aula para desfrutarem do espaço criado por eles.

Imagens 49 e 50 – Brincadeiras: Terra, Nuvem, Sol; e Amarelinha 2



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Imagens 51 e 52 – Brincadeiras: Amarelinha 1; e Dentro / Fora



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

A conclusão da pesquisa sobre Portinari foi realizada na aula 16, onde também foi feitas algumas considerações e encaminhamentos para a continuidade do projeto, que foi concluída na aula 17.

Começamos a pintura do fundo (Imagem 54) na 18ª aula, com a metade da turma. Para o segundo grupo, foi organizada a pesquisa no Laboratório de Informática, sobre o artista Ivan Cruz (Apêndice VIII). Conseguimos concluir o fundo no mesmo dia, 2h/a.

Imagem 53 – Intervenção na escola. Pintura do painel do muro.



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Na aula 19, definimos os desenhos e as cores necessárias para a continuação do painel do muro, e também foi solicitado para fazerem desenhos de brincadeiras, inspirados pelo poema Brincar de Brincadeira (MUNDURUK, 2013). A escolha das brincadeiras foi feita por sorteio, e esses desenhos fizeram parte da 13ª Mostra Visualidades.

Para a conclusão da pintura das personagens do painel (Imagem 55), foi necessário mais dois dias de aula (4 h/a), onde também aconteceu a pesquisa do artista Ivan Cruz, para o grupo que ainda não tinha feito.

Imagem 54 – Intervenção na escola. Pintura do painel do muro.



Fonte: foto da autora (Arquivo Pessoal)

Na aula seguinte, foi planejada a conclusão de alguns desenhos iniciados no dia 22/09 para a 13ª Mostra Visualidades, que aconteceu em outubro, sendo organizados na sequência do poema "Brincar de Brincadeira" (MUNDURUK, 2013), por meio da escrita feita por eles, de cada trecho abaixo dos desenhos, montando o painel na entrada da escola. Participamos também do IX Circuito Visualidades, que é um recorte da 13ª Mostra Visualidades, exposta em outros locais, conforme discutido no capítulo III. O nosso trabalho foi apresentado no CEMEPE:

Como encerramento do projeto, propus uma visita ao Parque do Sabiá, junto com as professoras Elieni (Regente) e Ana Carolina (Educação Física). Essa visita só foi possível dia 09/12, por causa de outros eventos que estavam acontecendo na escola. Passamos a tarde lá com visita ao aquário, piquenique, brincadeiras, futebol na quadra e amigo secreto.

APÊNDICE II

POEMA: BRINCAR DE BRINCADEIRA

Renilda Munduruk (2013)

Ah, como era bom ser criança!
Brincar de pega-pega
Fingir que é cabra cega,
E entrar no jogo da velha!
Correr de esconde- esconde,
Brincar de corre cutia, / Virar estátua!
E viver a fantasia!
Não existe coisa mais legal,
Ganhar do vovô no jogo do pião!
Ser craque no jogo;
Fazer o danado girar na mão!
Brincar de brincadeira não exige muito;
Um papel vira uma pipa ou um barco pra passear;
É só esperar o vento ou a chuva
E começar a brincar!
Duro ou mole e pula corda;
Jogo da força, queimada ou balão;
Não importa a brincadeira / Vale a diversão!
Já brinquei de casamento oculto;
Aposto que já ouviu falar;
É do tempo da vovó, / Foi ela que me ensinou brincar!
Pulei amarelinha e joguei bola de gude;
Passei anel e cantei ciranda;
Fiz a dança das cadeiras / E ouvi histórias na varanda!
Ah, como era bom ser criança!
Ter uma infância brincada
Nada mais gostoso de lembrar!
Sinto pela infância de hoje
Que passa o tempo sem brincar!
Brincar de brincadeira, / Correr descalça, brincar na terra;
Tomar banho de rio / Sem perceber que o dia se encerra!
Ah, como era bom ser criança!
Que saudade de brincar!
Sinto pela infância informatizada,
A geração do sofá!

APÊNDICE III

Produção de Texto I

AC – 10 anos:

“Eu gosto muito de brincar, e gosto mais ainda de brincar quando estou com meus primos (as) e amigos porque assim que é bom.

Quando estou com minhas primas e irmãos gosto de brincar de bandeirinha estourada é a minha preferida, mas eu também gosto de brincar de mãezinha da rua é bem divertido, mas eu brinco diferente, eu brinco assim:

Tem a mãezinha da rua, ela fica no meio da rua e escolhe um cantor ou cantora e quem não passar pra outro lado cantando uma música deste cantor(a) a mãezinha da rua pode pegar, mas se a pessoa passar antes, a mãezinha da rua faz o mesmo, só que com outro cantor.

E você? Gosta de brincar?

Eu amo brincar, a brincadeira faz parte da infância de cada um de nós, se você só fica mexendo no celular, tablet etc e etc., você não sabe o que é bom. Não sabe o que está perdendo porque brincar é bom demais. Então vou te dar uma dica, desgruda da tela da TV, do celular e tablets, vai aproveitar a vida e brincar com os amigos.”

AL – 14 anos

Quando eu era pequena eu brincava de muitas coisas como pular corda, pique pega, bandeirinha estourada, pique esconde, cabra-cega, virar estátua, pular amarelinha, de boneca, bolinha de gude, eu tomo banho de rio até hoje, de cutia, passar anel, jogo da forca, jogo da velha, eu brincava de fazer barquinho de papel eu já brinquei na chuva, quando eu era menor minha mãe me levava para muitos lugares para eu brincar como no parque Sabiá, parque Siqueroli, no poli, na praça e em muitos lugares divertidos como no clube.

Hoje em dia eu não brinco mais, eu só fico em casa vendo televisão, no computador e no celular, eu não brinco mais de nada. LA – 10 anos

Sim eu brinco muito na rua. Toda vez que eu chego da escola das 06:30, até 00:30 a gente brinca em 12 pessoas. Dividimos em dois grupos a e b. Então começa a diversão. A gente brinca de: pega-pega, cabra-cega, pique-gelo, bandeirinha estourada, balança caixão, corrida, patins, bicicleta, a gente dá volta no bairro e quem chega primeiro vence.

Lá em casa tem espaço, mas de vez enquanto a gente vai para a roça andar a cavalo e se divertir. No final do dia tomo banho de rio.

GY – 11 anos

Eu costumo brincar de soltar pipa com meu vizinho, de balança-caixão também. Teve um dia que na rua da minha casa quase toda criança da rua saiu para brincar, mas só deu para brincar na calçada porque a minha rua é muito movimentada. Nesse dia também brincamos de pega-pega e duro e mole, mas de tanto correr eu fiquei muito cansada e também teve outro dia que o meu vizinho de frente, o Alzemi e a Aparecida, saíram para a rua e eu pedi para minha vó ficar na rua também e a minha vó deixou e quando eu cheguei lá a gente conversou muito e aí ele perguntou pra mim se eu gostava de brincar de dominó, eu falei que sim e aí ele no outro dia ele me deu um, e nós ficamos brincando na rua quase a tarde inteira. Por isso que eu gosto muito de brincar.

LR – 11 anos

Então, costumo brincar em casa, na casa da minha avó, do meu tio, na praça, na rua e em muitos lugares.

As mais escolhidas são cabra-cega, esconde-esconde, pula corda, virar estátua, e muitas outras brincadeiras legais!

Onde eu moro tem muito espaço para brincar é bem grande. Vou todo sábado pra casa do meu tio pra brincar com minhas primas! Vou também na casa da minha tia brincar de boneca com minha prima é muito legal.

Um dia fui para Vazante com meus tios fiquei uma semana lá, fui na praça brincar com os brinquedos. Enfim essas foram as minhas brincadeiras!

VI – 11 anos

Eu brinco muito com meu primo e os meus vizinhos. A gente brinca muito de jornalista e de paparazi. Com minhas irmãs brinco muito, a gente brinca muito de Barbie, bonecas e de novelas, cantorias, de médico, etc.

Eu adoro brincar de pique-altinho com minhas amigas: AC – 11 anos, LA – 10 anos e GA – 11 anos, na escola e também a gente brinca de pique-corrente, é bem legal. Gosto muito de brincar de: cabra-cega, amarelinha, pique-esconde, jogo da forca, jogo da velha, de stop 1, entre outras.

A que eu mais gosto é de nadar! Porque quando a gente vai brincar de nadar na piscina, a gente pega alguns peixinhos e joga e quem pegar mais ganha.

Gosta muito de brincar de cozinheira, porque eu gosto muito de fazer comida. Pula corda eu adoro! Eu brinco lá em casa, a minha casa é bem grande então dá para brincar muito!!! E também, eu brinco lá na porta do sacolão da minha vó e do meu vô. Continuando, eu gosto muito de brincar de relóginho. Brinco de outras brincadeiras, mas não vou citá-las. Vou muito na casa do meu primo para brincar, ele inventa várias brincadeiras. Gosto muito de andar de bicicleta com meu tio. Minha mãe é muito boa no futebol. Gosto muito de futebol com meu pai. Gosto muito de brincar de mamãe do disco. Adoro brincar de carimbada, bandeirinha estourada.

Dica: larga o celular e vem brincar. A vida é mais bonita se você brinca e se diverte.

APÊNDICE IV

Produção de Texto II

KAU – 11 anos

Na escola gosto quando tem pneu e corda de pular e bola de futebol. Gosto de brincar no pátio da escola de pique-pegas; polícia e ladrão, bater cartinha e pique altinho. Mas o meu preferido é a brincadeira da cartinha. Queria que tivesse parquinho com balanço, gangorra e tudo mais. Na quadra, na educação física, fico torcendo para ser futebol, adoro brincar de futebol, gosto também de basquete e vôlei.

Gosto do quiosque e da quadrinha, mas minha preferida é a quadra grande coberta, adoro brincar e fazer aula lá. Mas no quiosque também, e na quadrinha dá pra brincar de carimbada e futebol.

Eu não mudaria nada, e você?

FR – 11 anos

Na escola tem muitos espaços para brincar, como na quadra, na quadrinha, no pátio e outros lugares.

Tenho muitas brincadeiras que gosto de brincar, tipo futebol, basquete, queimada, pique-pegas, bater cartinha e etc.

Eu costumo brincar na hora da Educação Física, no recreio, na entrada e na saída.

A minha sugestão para a escola ter mais espaços para brincar, e que a quadrinha e fosse quebrada e no lugar dela fizesse outra “quadrona” juntando com aquela graminha do lado dela, e também no espaço que parecido uma casa perto do bebedouro e da sala da informática, construísse uma quadra só de basquete. Aí sim ia ter espaço para brincar.

AC – 10 anos

Eu gosto de brincar na escola, mas tem hora certa pra brincar na escola. As horas que podemos nos divertir na escola é na hora do recreio, aula de Educação Física, nas horas que a professora faz uma brincadeira com os alunos no pátio e podemos brincar até nos passeios da escola.

Eu costumo brincar na escola na hora do recreio, eu gosto de brincar no recreio com minhas amigas eu brinco de pique-corrente, brinco de rodar de mãos dadas bem rápido e também brinco de uma outra brincadeira que eu não sei explicar.

Gostaria muito se toda semana tivesse um horário de brincadeiras na escola, eu acho que seria muito divertido.

JH – 11 anos

Na escola tem muitos espaços para brincar. Eu costumo brincar no pátio, na quadra, na quadrinha, no quiosque, enfim aqui tem vários lugares apropriados para brincar. Eu costumo brincar na hora do recreio com minhas amigas e amigos, nas aulas de educação física, antes de entrar na escola e depois das aulas. Eu costumo brincar de pisar no pé, de pular carniça, corrida e etc. Eu gostaria que tivesse aula de dança no quiosque, uma piscina perto da quadrinha para podermos ter aula de natação e que a biblioteca fosse reformada, que colocassem uma televisão lá, mesas e cadeiras, ventiladores e livros novos para podermos ler, estudar e fazer pesquisas nos livros.

VI – 11 anos

Na escola a gente brinca na quadra e no quiosque na educação física.

Na escola tem os lugares de brincar como: a quadra, a quadrinha e o quiosque e no recreio o pátio.

A gente brinca muito mesmo é na educação física, porque a gente faz alongamentos e brinca de várias brincadeiras como: ameba, carimbada, futebol, etc. Único horário que a gente brinca é na hora do recreio e na educação física e às vezes na aula de artes.

A minha sugestão é que aqui na escola tinha que ter um horário só para brincadeiras, porque no recreio quase não tem tempo.

E ter tipo um ginásio para gente com algumas brincadeiras.

E na aula de matemática tinha que ter algumas brincadeiras matemáticas.

APÊNDICE V

Leitura da imagem *Jogos Infantis*, de Pieter Bruegel, feita pelos alunos.

Questão 1 – Descreva o que tem na imagem.

Na maioria das respostas, os alunos colocaram que na imagem tem pessoas, prédios, barris, casa, crianças, um rio, bancos, gramas, árvores, brincadeiras, lojas, uma cidade, uma aldeia, igreja, bar.

Seguem algumas respostas completas:

Na imagem há muitas pessoas brincando de gangorra com tambor, tem pessoas trabalhando (LY – 10 anos).

- Na imagem tem uma espécie de um bar e uma casa enorme variedade de pessoas e essas pessoas estão com bambolê com barris e algumas brincam de ciranda (GY – 11 anos).

- Na imagem tem muitos homens brigando (KAR – 11 anos).

- Tem pessoas brincando de roda, tem uma casa muito grande e também tem outra casa grande (EL – 16 anos).

Questão 2 – O que acha que está acontecendo na imagem?

- 15 alunos colocaram que tem pessoas brincando.

- 4 que tem pessoas trabalhando e/ou vendendo objetos.

- 9 que citaram pessoas brigando ou uma guerra.

- 3 que disseram que está acontecendo uma festa .

Algumas respostas completas:

- Várias pessoas fazendo várias coisas freneticamente (LU – 11 anos).

- Todo mundo se divertindo (KA – 12 anos).
- Acho que era na época da escravidão dos índios e está acontecendo alguma batalha (GIO – 10 anos).
- As pessoas estão andando para ir em umas casas (JU – 11 anos).
- Eu acho que está tendo um dia de brincadeiras e o dia dos (as) trabalhadores (LY – 10 anos).
- Eu acho que está acontecendo algo para todos, tipo um evento público e que é de brincadeiras (GY – 11 anos).
- Eu acho que o povo tá fugindo ou brigando (FR – 11 anos).

Questão 3 – O que a imagem te faz lembrar?

- O dia que eu fui para a casa do meu tio em Araguari (RY – 11 anos).
- Que violência é errado e feio (KAU – 11 anos).
- Quando acontece festas em ruas (AR – 10 anos).
- Uma pequena cidade bem antiga de tempos medievais (RM – 11 anos).
- De várias brincadeiras (DO – 11 anos).
- Nada (WA – 12 anos, LU – 11 anos e EL – 16 anos).
- Dos tempos antigos do meu tataravô (MU – 11 anos).
- Festas da cidade (LR – 11 anos).
- As cidades (IA – 10 anos).
- Quando brincava na rua da minha vó (ME – 11 anos).
- As brincadeiras que eu brincava e a minha rua (KA – 12 anos).
- De brincadeiras que tive com meus primos, colegas e etc. Uma vez que fui no trabalho do meu pai e outras vezes no da minha mãe e também algumas brigas que eu vi ou ouvi (JH – 11 anos).
- Balança caixão e cavalinho (CE – 13 anos).
- O bairro da minha prima KS (LG – 11 anos).
- Uma grande festa de fim de ano (GA – 11 anos).
- De um filme sobre guerras que não me lembro o nome (GIO – 10 anos).
- Eu brincando (KE – 11 anos).

- Coisas antigas, pessoas antigas (MP – 11 anos).
- Eu e minhas amigas brincando e pessoas trabalhando (LY – 10 anos).
- Das crianças brincando na rua da minha avó (EV – 10 anos).
- Um dia que estávamos comemorando o dia das crianças na igreja da minha vizinha e foi brincadeira para todo lado (GY – 11 anos).
- De uma coisa que eu vi na TV que as pessoas estão fugindo do país porque não tinha comida nem casa (FR – 11 anos).
- Dos tempos antigos da escravidão (KAR – 11 anos).
- De quando eu brincava na rua (AL – 14 anos).
- Quando eu ando de bicicleta (JA – 11 anos).
- De pessoas juntas comemorando aniversário do vô (YA – 11 anos).
- Os tempos antigos dos escravos e também as guerras (VI – 11 anos).
- Das brincadeiras de crianças (MA – 11 anos).
- Quando eu brinco na casa dos meus amigos (HY – 10 anos).
- Esta imagem me faz lembrar de um dia que eu fui para Araguari na casa do meu pai, os filhos dos vizinhos do amigo do meu pai eu e meus irmãos juntamos na rua de lá porque a rua de lá é bem tranquila, e ficamos brincando de bola, bicicleta, carrinho e etc. (AC – 10 anos).

APÊNDICE VI

POEMA: Abertura triolé

César Obeid (2011)

Meus poemas mais brincantes
Estão doidos pra brincar
Porque são eletrizantes.
Meus poemas mais brincantes
Feitos de latas, barbantes
E o que mais der pra inventar.
Meus poemas mais brincantes
Estão doidos pra brincar.

O brinquedo fica vivo
Quando abraça a poesia.
Se ele for cooperativo,
O brinquedo fica vivo,
Mas se for competitivo
Também tem muita alegria.
O brinquedo fica vivo
Quando abraça a poesia.

Ninguém vai ficar de fora
Todos são meus convidados
Pra brincar sem ter demora.
Ninguém vai ficar de fora
Que o momento é agora
Pra brincarmos animados.
Ninguém vai ficar de fora
Todos são meus convidados.

APÊNDICE VII

Avaliação dos alunos

AC – 11 anos

Eu acho que o resultado ficou até legal, mas não ficou do jeito que eu pensava. O círculo em uma parte ficou torto e isso não me agradou nem um pouco. Tivemos dificuldade em utilizar o compasso-humano. Na primeira vez que fomos lá fora pintar tínhamos pouca tinta laranja e isso atrasou o nosso trabalho. Fiquei nervosa e acabei falando qualquer coisa que veio na cabeça.

Pontos positivos

Os tons das cores que recebi não eram os tons que eu havia pensado, eram tons bem mais bonitos do que eu pensava, por isso ficou bem mais bonito do que ficaria com os outros tons. Eu gostei do resultado, ficou bem colorido bem alegre, ficou bem legal. Que teve a possibilidade de brincar naquele círculo de outras brincadeiras. Achei legal.

KA – 12 anos (o texto dele estava com muitos erros de português, corriji conforme o que entendi)

Vimos vários artistas como se fosse um evento... gostaria de falar mais como mudou minha inspiração. Em algumas semanas eu estava com inspiração, a professora de Artes viu que muitos dias meu desenho mudou, foi a inspiração que a gente tem, que sente o desenho, se sabe o que fazer e não o desenho mais com muito esforço e observação de algumas fotos e as pesquisas foi um máximo e as brincadeiras. Eu vejo gente brincando e muita gente. Eu também brinco é com muita dedicação que a gente faz.

VI – 11 anos

Bom foi muito legal, pois na hora de organizar a professora deixou nós sentarmos em grupo para a pintura das brincadeiras, teve um ponto negativo: a AC – 11 anos, a “líder” do grupo não estava deixando nós termos ideias, mas a

professora conversou com a gente e tudo resolveu, a nossa pintura foi muito colorida e divertida nós sujamos muito nós mesmos.

Criação

Foi muito divertido a hora de criar, a professora entregou a folha do pátio e nós desenhamos nela ideias para desenhar no pátio.

Entrevista

Foi interessante porque recebi cada resposta.

Positivos = Fazer aulas fora do jeito que fazemos.

Negativos = Foi a Ana só não aceitar nossas ideias.

Mas fora isso foi muito legal todo o nosso trabalho.

E o projeto ficou lindo!

LY – 10 anos

Eu gostei de pintar, porque eu me diverti, mas eu fiquei com muito medo de eu errar e ficar feio o desenho, e isso para mim foi o único momento ruim e ter que ficar falando de brincadeiras todas as aulas de arte, só isso. Mas os outros momentos gostei muito, principalmente o de pintar o chão da escola. Fim.

Eu achei legal de uma brincadeira criar outras brincadeiras [ela desenhou o que foi feito no pátio].

JA – 11 anos

Eu não gostei das pinturas no chão e nem das brincadeiras. Eu acho que tinha que caprichar mais um pouco, passar mais tinta por cima de onde ficou feio, porque as tintas não eram as mesmas.

Nossa pintura no chão eu gostei um pouco porque de todos ali na escola fomos nós que tivemos coragem de mudar o pátio, deixar ele mais bonito, e isso é bom. Eu não pinte, mas achei um pouco bom, não 100% ruim, eu achei pelo menos um pouco bom. Parabéns pelo esforço deles. E isso que eu tenho que falar, o resto tá bom. E das brincadeiras no chão nós inventamos outras. [conforme relataram na aula, aqui ele está se referindo a brincadeira dentro e fora, que a maioria dos alunos das outras salas não conheciam essa brincadeira

e nem alguns alunos do 5º ano estavam achando interessante. Aí eles inventaram a brincadeira de empurrar o colega pra fora do círculo].

GY – 11 anos

Eu gostei muito do projeto que a profª Sônia organizou, pois nós somos crianças e gostamos de brincadeiras, e com essa “pesquisa” eu aprendi muitas brincadeiras que eu posso brincar com meus primos, primas e minha irmã também.

Mas agora vem a parte ruim, eu acho que a professora organizou muito bem, mas os alunos não souberam aproveitar porque era para trabalhar em grupo e algumas pessoas queriam mandar no grupo como se não houvesse outras pessoas nele, mas o resto da pesquisa foi um sucesso.

Agora falando nas aulas anteriores, eu gostei muito das aulas com tinta, pois eu acho que eu sou uma verdadeira pintora RSRSRS.

Eu queria que a professora fizesse mais aulas assim!!!!

E também tive um desastre bom entre nós.

Mas fora a desunião dos meus colegas, eu gostei muito.

JH – 11 anos

Eu gostei bastante porque eu passei mais tempo com meus amigos. Não gostei que uma colega minha começou a tratar os outros de maneira ruim mas nós já resolvemos essa situação.

Pontos positivos: passar mais tempo com meus amigos, nos divertimos e pintamos brincadeiras no chão mas não apenas para nós mas também para outras pessoas.

Pontos negativos: Eu só vi um ponto negativo que foi o desentendimento com minha colega.

ME – 11 anos

Eu vou ser bem sincera, eu gosto da aula da Sônia. Já tem um tempo que eu acompanho ela, tirando o ano passado que a professora não era boa. A Sônia dá aula maravilhosa tudo que ela planeja é sempre bom, bem eu não gosto de desenhar, mais tudo que eu vi até hoje foi bom. Eu nunca achei nada ruim dela, ah! Só um coisa: os gritos, mas é pro bem de todos. Eu não acho nenhuma aula negativa. Os pontos positivos é: ela é boa professora, ela planeja as aulas dela muito boa eu gosto dela. A aula lá de fora foi boa, os trabalhos na informática foram bons também, teve aula especializada, divisões de tarefa e outros.

MU – 11 anos

Os bons momentos (o lado positivo) foi que ficou legal, eu pensava que ia ficar feio, mas até que ficou legal, muitas pessoas brincam eu fico feliz! Porque eu que fiz... [no comentário na aula ele disse estar orgulhoso] E o lado negativo foi que a Ana Luiza não queria varrer, só na 2ª vez que ela varreu e a Geovanna apelou e me deu uma vassourada na canela, e eu estava tão emocionado e ansioso que queria fazer tudo. Aí no finalzinho que as meninas fizeram.

LR – 11 anos

Bem, pensando em todos os trabalhos que fizemos durante todos esses meses, foi bem interessante alguns até me deixaram surpresa.

Estava eu e a GY – 11 anos e a ME – 11 anos, derrubamos o pincel azul em cima do branco e acabamos nos dando bem e ficou legal.

Os pontos positivos são leituras de poemas, produção de texto, que me ensina muito praticar a escrita, pesquisa com minha família deixaram eles muito felizes, pois coisas que eles não sabiam descobriram, e a pintura lá no pátio que foi bastante legal. E vimos o resultado que ficou muito legal. Adorei!

AR – 10 anos

Eu acho que os pontos negativos foram as produções de texto, porque os textos não ajudaram muito na aula de artes, pois ano passado houve um único texto. Que achei mais interessante foi o de brincadeiras.

Os pontos positivos são muitos: a pintura no chão da escola eu achei uma atividade mais interessante que eu fiz nos últimos 3 anos na escola, muito bom. Também achei interessante as atividades no laboratório de informática que eu gosto bastante de computador informática e muitos outros pontos positivos e 1 ou 2 negativos.

GIO – 10 anos

Positivos:

- O material era bem novo.
- Fiquei surpreendida ao final.
- Foi bom porque foi muito interativo.
- Gostei porque às vezes é bom trabalhar fora da sala de aula e etc.

Negativos:

- Um dos pontos negativos foi que não me dei bem no grupo em que fiquei.
- Os buracos deixaram meio imperfeito.
- O sol estava forte e quente.
- Algumas pessoas do meu grupo não trabalharam.
- Uma pessoa do meu grupo estragou o sol.
- Outra não ajudou a varrer e etc.

RY – 11 anos

Eu gostei de todo o projeto, das pinturas de brincadeiras foi o que mais gostei porque foi a mais divertida. Mas depois foi a que menos gostei porque fiquei doente por causa da tinta e tive que gastar uns 90 reais ou mais pra comprar remédio. Nem o dinheiro pra pagar eu tinha, até hoje minha mãe não conseguiu pagar nem a metade, mas fora isso as outras aulas de arte foram boas.

KAR – 11 anos

No meu ponto de vista foi muito legal ter participado de todas as atividades, principalmente em grupo, porque em grupos todos nós podíamos compartilhar e receber nossas ideias com o grupo. Eu acho que fazer atividade em grupo muito legal, pena que não podemos fazer todas as atividades em grupo.

A atividade do pátio eu acho que deve ter sido legal, pena que não tive aqui para pintar, mas participei da divisão de grupo. Mas tirando isso, foi tudo muito legal participar de tudo isso.

APÊNDICE VIII

Pesquisa dos artistas

Cândido Portinari

Foi solicitado para eles acessarem o site www.portinari.org e lessem a biografia do artista e escrevessem com suas palavras o que gostou mais. Em seguida escolhessem na galeria algumas imagens para fazerem a leitura da imagem por escrito, no caderno de desenho. Selecionei a pesquisa da JH – 11 anos, por estar mais fluente na escrita, os outros apenas transcreveram parte do texto.

- Eu achei muito interessante pelo fato de contar a vida toda dele. Vou contar um pouco da vida de Cândido Portinari.

Cândido Portinari nasceu dia 30 de dezembro de 1903 em uma fazenda de café no estado de São Paulo.

Cândido Portinari era muito pobre. Ele era filho de imigrantes italianos.

Ele sempre demonstrou interesse na sua vocação artística. Começou a pintar com 9 anos. Com 15 anos ele foi para o Rio de Janeiro estudar.

1ª obra – Meninas, de 1940

Técnica: Óleo

Suporte: Tela

Dimensões: 74 x60 cm

Temas: Figura humana

Eu escolhi esta imagem porque eu achei muito interessante, vou descrevê-la: tem 2 mulheres (adultas) e 2 meninas que devem ter a minha idade. Essas mulheres são negras e parecem estar dançando.

2ª obra – Brincadeira de crianças

Técnica: Aquarela

Suporte: Papel

Dimensões: 19,5 x 36 cm

Temas: Cultura brasileira

Bom, esta imagem não é uma pintura, mas sim um desenho. Neste desenho aparecem 5 crianças brincando em um lugar plano.

Eles estão pulando amarelinha, brincando de pular carniça, soltando pipa e brincando também de uma brincadeira que não consigo descrever.

Ivan Cruz

Foi disponibilizado aos alunos a seguinte proposta aos alunos no Classroom:

Na aula de hoje pesquisaremos sobre o artista Ivan Cruz, seguindo os seguintes passos:

1º) No Google, digite no campo de pesquisa o nome do autor. Aparecerão vários links para sua pesquisa. Você deverá escolher o link: biografia do artista plástico Ivan Cruz¹⁸. Leia o texto e anote, com suas palavras, o que você achou mais interessante.

- Que ele falou que uma criança que não brinca não é feliz e um adulto que não brincou na infância não tem a metade do coração. Ivan Cruz nunca deixou a arte de lado interessante também que Ivan Cruz pintou cerca de 600 quadros. (RA – 10 anos).

- O interessante é que ele abandonou a advocacia para se tornar artista, outra coisa é que a primeira obra que ele viu e do Cândido Portinari e se encantou, ele queria fazer uma coisa boa uma obra boa que nem a de Cândido ele já teve várias exposições em várias cidades e uma delas no Rio de Janeiro e outras cidades da região. Ele pintou mais de 600 quadros retratando mais de 100 brincadeiras isso é muito legal. (KAU – 11 anos).

- A parte que eu achei mais interessante foi a parte que falou que em 2002 a prefeitura de Arraial do Cabo adquiriu a escultura Pulando Carniça em bronze

18 Disponível em <http://aprendendo-e-brincando.blogspot.com.br/2013/04/biografia-do-artista-plastico-ivan-cruz.html>. Acesso em 29/09/2016

tamanho natural que foi instalada na praça Castelo Branco, no mesmo município. (LG – 11 anos).

- Eu achei interessante sobre o Ivan Cruz foi que ele se tornou um pintor famoso e conhecido por todo lugar. Também achei interessante que ele só desenhava crianças brincando!

Achei muito interessante mesmo foi que ele pintou 600 quadros! E que ele incentivou todas as crianças a brincarem de várias brincadeiras. (LR – 11 anos).

- Eu achei mais interessante foi que ele admirava o pintor Cândido Portinari. Também achei interessante que para se dedicar a produção artística ele resolve abandonar a advocacia em 1986. Ele também passou a retratar em suas telas coisas que mostram as brincadeiras de criança. Eu achei muito interessante saber que desde 1990 até hoje 600 quadros, retratando brincadeiras de crianças. (GA – 11 anos).

- Eu achei mais interessante a poesia que ele fez e colocou umas imagens de crianças brincando de várias coisas e os brinquedos que eu acho que ele fez tipo o patinete. (KE – 11 anos).

- Achei interessante que o artista deixou a advocacia para se tornar um artista, e que não gostava de usar em suas pinturas a cópia e sim a criação. Achei legal que o pintor trabalhou com arte abstrata. Muito legal é que em 1990 ele foi fazer uma exposição com quadros que ele pintou sobre sua infância e de suas brincadeiras. Gostei muito da frase que ele criou que é assim: “A criança que não brinca não é feliz, ao adulto que quando criança não brincou, falta-lhe uma parte no coração”. Gostei muito do seu jeito de pintar. (AC – 10 anos)

- Eu achei interessante que o artista deixou a advocacia para se tornar um artista, eu também achei interessante que na sua exposição em Portugal ele fez pinturas baseadas nas suas brincadeiras infantis, eu achei legal que o artista trabalhou com artes abstratas, também gostei muita da frase que ele criou essa frase motiva as crianças brincarem e a frase é assim: A criança que não brinca não é feliz, ao adulto que quando criança não brincou, falta-lhe um pedaço no coração, eu gostei muito do seu jeito de pintar, da sua criatividade, porque ele se inspira nos seus momentos passados. (VI – 11 anos)

2º) Volte na página de pesquisa e clique em imagens de Ivan Cruz¹⁹. Observe e escolha algumas para fazer a leitura da imagem, descrevendo porque escolheu e se você encontrar o nome da imagem pode anotar também.

- Pulando Carniça, já brinquei disso e é bem legal, você tem que pular uma pessoa e continua, mas tem que tomar cuidado quando for pular. (RA – 10 anos).

- Escolhi uma imagem que tem dois meninos soltando pipa e no fundo tem casas e é bem colorido com cores bem fortes e com bastante contraste e fica bem bonito. (KAU – 11 anos)

- Eu escolhi a imagem que tem crianças brincando de cabo de guerra e jogando bola eu achei muito interessante porque é muito colorido tem muitos detalhes e é muito bem desenhado. (LU – 11 anos).

- A imagem que eu escolhi são crianças brincando de ciranda cirandinha eu escolhi por causa das cores da brincadeira [...] (LG – 11 anos).

- Eu escolhi essa imagem porque brincar de amarelinha e de boneca é muito legal. O nome dessa imagem é: amarelinha e boneca. (IA – 10 anos).

- Eu achei mais interessante foi a imagem das crianças brincando de pipa, balão, pulando corda e muitas outras brincadeiras [...] Achei mais interessante porque as cores estão coloridas, e que essas brincadeiras são muito legais. (LR – 11 anos).

- “Cabo de guerra” eu achei muito interessante e legal essa imagem porque ela retrata uma brincadeira de criança muito divertida, e bem conhecida. (GA – 11 anos).

- Gostei da imagem do balanço, pois eu amo brincar de balanço; e se tivesse um balanço na minha casa eu ficaria muito feliz. (AC – 10 anos).

- Eu achei muito interessante a imagem barra manteiga as cores e o modo de brincar. Corrupio eu achei interessante porque ele conta que na sua infância não

¹⁹ Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=ivan+cruz&sa=X&tbm=isch&tbo=u&source=univ&ved=0ahUKEwiforP5s6XUAhXDf5AKHR8JAR0QsAQIJQ&biw=1024&bih=662>. Acesso em 29/09/2016.

tinha muitas variedades de brinquedos e que ele tinha que criar suas brincadeiras por que às vezes seus pais não deixavam ter os seus brinquedos até que inventarem essa brincadeira. Também achei interessante o seu jeito de pintar. (VI – 11 anos)

3º) Qual a diferença das imagens de Ivan Cruz e do artista Cândido Portinari que pesquisamos nas aulas anteriores?

- A diferença é que as obras de Ivan Cruz não tem olho, nariz e boca e de Candido Portinari tem olho, nariz e boca. (RA – 10 anos).
- A diferença é que nas imagens de Cândido Portinari ele tem menos crianças brincando e a de Ivan tem bem mais. (ME – 11 anos).
- A diferença é que as imagens de Ivan são mais coloridas e com mais contraste do que a de Cândido. (KAU – 11 anos).
- A diferença é que as pinturas de Ivan Cruz são bem mais coloridas e tem muito mais detalhes, já as do Cândido Portinari são bem menos coloridas e bem menos detalhes e são feitas em tábuas. (LU – 11 anos).
- As imagens de Cândido Portinari são mais reais e as de Ivan Cruz são mais de crianças brincando. (JH – 11 anos).
- Eu acho que são as cores vivas e as criatividades são diferentes. (LR – 11 anos).
- A diferença entre eles é que as obras de Cândido Portinari não são muito coloridas, já as de Ivan Cruz são mais coloridas e mais abstratas. (GA – 11 anos).
- A diferença é que o Ivan Cruz trabalhou bastante em arte abstrata e muitas, mais muitas brincadeiras. (AC – 10 anos).
- Que um deles tem mais tempo de carreira e que o Portinari já fez poesia de política. MU – (11 anos).
- Que a do Ivan Cruz tem brincadeiras mais variadas, enquanto o Cândido Portinari desenha mais coisas com pipa. (HY – 11 anos).

- As diferenças são que Ivan Cruz trabalhou muito com arte abstrata e com muita brincadeira e Cândido Portinari retrata nas suas pinturas a sociedade. (VI – 11 anos).

Dim Brinquedim – www.museubrinquedim.org.br

Essa pesquisa foi disponibilizada para os alunos fazerem como tarefa de casa, pois não conseguimos horário disponível no laboratório de informática, por isso, apenas duas alunas a fizeram:

1º) Clicar em acervo, e depois em brinquedos e esculturas. Faça anotações sobre os objetos que achou mais interessante, justificando sua escolha.

- Eu escolhi primeiro o de uma joaninha gigante, porque eu achei muito interessante as cores. (JH – 11 anos).

- Achei interessante foram os carros feitos de coisas reciclagens, acho bem interessante porque os meninos que gostam podem brincar sem gastar muito dinheiro. Também achei foi a menina dando estrelinha ao teto muito legal e divertido atrai muitas pessoas a tirar fotos. Achei muiiiitooooo interessante foi uma escultura de um menino que é um acento para as pessoas interessantes, porque aqui nunca vi isso e é bem diferente. (LR – 11 anos).

2º) Clicar em ACERVO, depois em QUADROS. Descreva a imagem que mais gostou, colocando o nome (se tiver); caso não tenha, invente um nome para o quadro que você escolheu.

- Eu gostei mais da imagem “Olhando as Flores”, porque eu achei ela muito interessante ainda mais na parte em que tem pessoas observando flores, mas eu também achei muito interessante as cores e tudo mais. (JH – 11 anos).

- A imagem que eu mais gostei foi uma que tem várias cobras enroladas entre si e todas as cores se destacam na imagem e ainda parece uma imagem abstrata eu daria o nome de (cobra abstrata). A outra é que mostra vários meninos um em cima do outro chegando ao céu adorei, acho que cada detalhe está destacado eu daria o nome de (chegando ao céu). E a outra é um menino deitado sobre a nuvem no céu a imagem e bem divertida eu daria o nome de (descansando ao céu). (LR – 11 anos).

3º) Leia em BIOGRAFIA, os textos: DIM, POR ELE MESMO e BIOGRAFIA. Anote com suas palavras o que mais te chamou a atenção sobre a vida do artista.

- Eu achei muito interessante quando ele falou dos filhos dele foi o que mais me chamou a atenção, pois ele falou muito bem dos filhos dele, então me chamou bastante a atenção. (JH – 11 anos).

- Achei interessante da vida dele foi que ele usava as ferramentas do avô dele para fazer os brinquedos barquinho, pequenos carros e caminhões. Observava todos os detalhes onde ia e só fazia as imagens inspirada em brincadeiras, Dim brincava não só com as crianças, mas com os adultos também, bem diferente como dos dias atuais e ainda faz brinquedos há 40 anos muito tempo. Bem conhecido também já recebeu homenagens da escola de Samba e foi isso! Obrigada professora Sônia espero que goste. (LR – 11 anos).